

# MILITIA

N.º 77 — ANO XI SETEMBRO/OUTUBRO — 1958

# SUMÁRIO

NOSSA CAPA .....	82
EDITORIAL .....	5
DIVERSOS	
<b>A Fabulosa Organização Contra o Fogo nas Cidades dos EE.UU.</b> — major Guilherme E. Orth .....	6
<b>Pelícia Índice de Civilização</b> — major Luís de Siqueira .....	18
<b>Questões de Ensino</b> — prof. Hans Peter Heilmann .....	22
<b>Cardiopatas nas Fôrças Armadas</b> — cap. méd. Oscar P. S. Abranches .....	24
<b>Machado de Assis e a História Pátria</b> — prof. Vinício Stein Campos .....	25
<b>Velhas Reminiscências de Palmeira dos Índios</b> — major O. O. Pimentel .....	34
<b>Leite a Vontade</b> — sgt. Antônio Ramos .....	38
<b>Dores do Mundo</b> — J. Corrêa da Silva .....	40
<b>"Danças Folclóricas Brasileiras" e a Crítica Especializada</b> — prof. Paulo Henrique .....	42
<b>Vamos Conversar Sobre Energia Atômica</b> — cap. J. Mesquita de Oliveira .....	44
<b>O Peixinho Vermelho</b> — cap. J. Mesquita de Oliveira .....	50
<b>D. João VI Opina Sobre o Latim de Monte Alvegne</b> — Sílvio de Andrade .....	52
<b>O que Vi em 50 Anos de F.P.</b> — Veterano .....	54
<b>Dois Poemas</b> — sd. Mário da Mata Rezende .....	55
NOTICIÁRIO	
<b>Da Bahia</b> — cap. Paulo Monte Serrat Filho .....	57
<b>Expressivas Salenidades Realizadas na Bahia</b> — cap. P. M. Serrat F. <sup>o</sup> .....	58
<b>Centro Social das Cabos e Soldados em Taubaté</b> — prof. Irmak C. Malta .....	62
<b>Os Oficiais em Funções de Delegados de Polícia</b> .....	65
<b>Hera H</b> — major Olímpio de Oliveira Pimentel .....	72
DESTAQUES DA FÔRÇA PÚBLICA .....	74
O BRASIL EM DOIS MESES .....	76
O BIMESTRE NO MUNDO .....	78
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Distrito Federal .....	67
Minas Gerais .....	68
Pará .....	63
Rio Grande do Sul .....	69
Santa Catarina .....	70
RECREAÇÃO	
<b>Palavras Cruzadas</b> — cap. Plínio Debrousses Monteiro .....	82

# "TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA» vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro iado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interêsse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (\*).

---

Pedidos à revista «MILITIA» — Rua Alfredo Maia, 106 — S. Paulo

# Charadista!

# Cruzadista!

*Acha-se à venda o ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO”, de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).*

*Obra de grande valor para charadistas e cruzadistas, com um suplemento contendo alfabetos, música, noções sôbre cabala e sinais diversos empregados pelos apreciadores da arte enigmística.*

*O “ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO” é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos dicionários adotados nas seções de palavras cruzadas e de charadas das publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar charadas, enigmas desenhados e palavras cruzadas.*



*Pedidos pelo reembolso postal, à gerência de MILITIA — rua Alfredo Maia, 106 — SÃO PAULO — BRASIL.*

*Em dezembro próximo estarão em São Paulo delegações de todo o Brasil, para assistir às comemorações de mais um aniversário de fundação da Fôrça Pública. Oxalá tenham boa impressão do que virem. No entanto, ainda há muito por fazer entre nós. A propalada reforma das polícias continua no plano das cogitações. Há falhas por corrigir e muita coisa a realizar.*

*As falhas não constituem desonra. Mas seria honroso saná-las. Procura-se fazê-lo, é verdade, mas é indispensável que tudo se faça em tempo hábil. Urge colocar todo o organismo policial do Estado à altura de nossa evolução social, mormente no Estado líder da União. Os visitantes que virão a S. Paulo por certo, esperam encontrar, não só na Fôrça Pública, como em tôdas as organizações policiais paulistas, um espêlho da grandeza bandeirante.*

*São Paulo marcha, a pesar de tudo, na vanguarda da civilização brasileira. Mantem a hegemonia na indústria nacional, como na agricultura e em todos os ramos de atividade humana. A intelectualidade paulista lidera o mundo dos intelectuais brasileiros. No campo da ciência, ocupamos igualmente o primeiro plano. E, paralelamente, não estamos longe de ter o mesmo destaque no índice de criminalidade.*

*É evidente que nos grandes centros o ambiente é propício ao crime. É o caso de nossa capital e de algumas cidades interiores. Mas não se compreende que a polícia não evolua, para fazer face ao crime. Com o crescimento da população, aumentam as dificuldades de transporte, o custo de vida, a insegurança. Só um aparelho policial aperfeiçoado pode satisfazer, em tal caso, as necessidades públicas. Só uma polícia devidamente aparelhada constitui real garantia de tranqüilidade social.*

# A fabulosa organização contra o fogo nas cidades dos EE. UU.

**Major Guilherme E. Orth**

*Generalidade — Ocorrência e causas principais de incêndios — Organização contra o fogo — Conclusões para São Paulo.*

Durante seis semanas, nos meses de abril e maio do corrente ano, uma comissão de oficiais da Fôrça, constituída pelo ten. cel. Plínio R. de Moura, major Guilherme E. Orth e cap. Lelis F. Viana, esteve nos EE. UU., para proceder observações abrangendo: corpos de bombeiros «Fire Departments», sistemas municipais de prevenção, organizações e institutos técnicos de segurança contra fogo e instalações e organizações industriais e prediais de segurança contra fogo, inclusive refinarias.

De acôrdo com o plano estabelecido, foram visitadas as cidades de Chicago (Illinois), Lansing (Michigan), Elmira (N.Y.), Nova Iorque e Washington (D.C.).

A fim de transmitir aos companheiros o que pudemos apreciar, elaboramos a exposição que segue. Esperamos que, com tolerância para possíveis falhas, seja atingido o ob-

jetivo de contribuir para a difusão de tão importante assunto.

### I PARTE

#### **Características geográficas e fisionomia geral da área e das cidades visitadas**

A área dos EE. UU. entre os paralelos de 35 e 45 graus, onde se situam as grandes cidades de Nova Iorque, Chicago e Detroit, caracteriza-se por ser região de frio extremamente prolongado. Um vento gelado e constante, oriundo do Canadá, não encontra nas planuras dos estados nordestinos obstáculo a sua investida, intensificando o rigor e ampliando os limites da estação invernal, desde meados do outono até meados da primavera. Na região de Chicago o frio, sôbre ser intenso, é úmido em consequência da proximidade dos Grandes Lagos.

O verão, ao contrário, é extremamente curto, não deixando, porém, de ser intenso e atingindo, não raro,

a temperatura de 40 graus centígrados.

As grandes cidades americanas tem muito de semelhante ao centro de São Paulo. Nessa região, os edifícios pequenos são de tijolos e os grandes de concreto e tijolos. As vias de escoamento são amplas, para dar vazão ao intenso tráfego.

Nas zonas residências afastadas o arranjo é magnífico. Mesmo nas áreas mais modestas existe uma alegre descontinuidade, onde as edificações regular e folgadoamente afastadas se alternam com espaços ajardinados. Predominam as construções de madeira. Nessas áreas, é superior a noventa por cento o número de construções com esse material.

As cidades maiores possuem também, próximo ao centro, imensos cortiços que, gradualmente, estão desaparecendo para dar lugar à construção de arranha-céus, grandemente espaçados, constituindo magníficos conjuntos arquitetônicos. Nestes espaços se encontram normalmente as populações de côr e de americanos da América Central.

O nordeste dos EE. UU. é predominantemente industrial, constituindo o principal centro manufatureiro e mercantil do país. Completando a pujante cadeia de centros de produção e consumo existe um fantástico sistema de transportes, símbolo e visualização da vibrante atividade americana, fonte de sua invejável riqueza.

Aspecto importante, também, da vida naquele país, aliás bem conhecido entre nós, é o uso individual e familiar de grande número de ma-

quinismos desde os domiciliares de pequeno porte até o automóvel. A aquisição desses aparelhos apresenta-se em condições de preço bem favoráveis, razão por que tem grande aceitação, já que colaboram de maneira decisiva para facilitar a solução de problemas, a começar pelas donas de casa, que normalmente não dispõem de empregadas, até o transporte da família, tudo em harmonia com o dinamismo da vida americana.

### Ocorrência e causas principais de incêndio

Com a finalidade de propiciar conclusões lógicas, fizemos as considerações anteriores, embora breves, numa tentativa de reproduzir o ambiente e as possíveis causas do grande fenômeno que é o incêndio nos EE. UU.

Assim, o inverno, que repercute profundamente na vida do povo, acarreta em caráter prolongado a necessidade de calefação. Esse fato, aliado à utilização de numerosos meios auxiliares de isolamento, entre os quais os mais característicos são as paredes de madeira e os pisos totalmente forrados de lã, constituem circunstâncias que, indubitavelmente, favorecem a maior ocorrência do fogo. É interessante também salientar que o interior e exterior dos prédios são relativamente estanques, consequência do que, em muitos edifícios o interior se apresenta ressecado por efeito da calefação prolongada.

As estatísticas de Lansing revelam que os incêndios ocorrem na proporção de um em casa de alve-

naria para cada três em casas de madeira.

O emprego generalizado de aparelhos domiciliares, quer utilizem a energia elétrica ou combustíveis sólidos, líquidos ou gasosos, é fator bem preponderante na ocorrência de incêndios.

A indústria e o comércio e o sistema de transporte que os conjuga contribuem de maneira decisiva para dilatar as cifras, propiciando a ocorrência de um fatástico número de incêndios, sempre possível ou inevitável quando se considera o tremendo potencial humano e material que permanentemente se entrosam nas infinitas operações e manipula-

ções da indústria e do comércio e na colossal faina do transporte.

A ocorrência do fogo, como não poderia deixar de ser, não é consequência apenas das concentrações de homens e material, tanto assim, que as autoridades de Chicago e Nova Iorque nos revelaram que porcentualmente, há uma maior e acentuada incidência de incêndios na região dos cortiços, onde se concentram as populações que menor atenção dispensam aos cuidados recomendados.

Para dar uma idéia numérica da intensidade do fenômeno, organizamos o quadro I, fazendo ao mesmo tempo uma comparação com nossa capital (incluindo a região do A.B.C.).

#### Q U A D R O I

CIDADE	N.º DE HAB.	N.º INCÊNDIOS/ANO	N.º INCÊNDIOS/ 1.000.000 hab. /ano
São Paulo	3.500.000	1.090	32
Nova Iorque	8.000.000	53.072	670
Chicago	3.600.000	38.628	1.070
Philadelphia	2.000.000	11.759	540
Washington	800.000	4.187	523
Lasing	100.000	1.173	1.173

Elaboramos também o quadro II, cujas conclusões são evidentes, isto é, São Paulo tendo menos incêndios, que uma cidade de cem mil habitantes (Lasing), tem contudo, 41 ve-

zes mais incêndios grandes e médios que a mesma. No capítulo final faremos mais considerações sobre este assunto.

#### Q U A D R O II

CIDADE	N.º INCÊNDIOS/ANO	N.º GR. E MÉDIOS INCÊNDIOS/ANO	% GR. E MÉDIOS INCÊNDIOS
São Paulo	1.090	164	15%
Nova Iorque	53.072	394	0,73%
Chicago	38.628	250	0,65%
Philadelphia	11.759	46	0,43%
Washington	4.187	29	0,70%
Lansing	1.173	4	0,34%



Dentre os relatórios que possuímos pareceu-nos interessante reproduzir os dados abaixo, relacionados com a cidade de Chicago.

### Q U A D R O III

Causas de alarme (Chicago — dados dos anos de 1955 e 1956)

C A U S A S	1.955	1.956
1 — Incêndios em resíduos fabris e domiciliares ....	12.342	13.481
2 — Descuido no uso de materiais combustíveis .....	5.372	5.855
3 — Incêndios em veículos .....	4.169	5.310
4 — Defeitos em fogões, fornalhas e caldeiras a carvão	3.046	4.089
5 — Alarmes falsos .....	2.755	2.584
6 — Defeitos em instalações e aparelhos elétricos ...	2.535	2.292
7 — Alarmes onde serviços não foram prestados ....	2.787	921
8 — Incêndios em instalações que manipulam alimentos e gorduras .....	1.481	1.708
9 — Incêndios em candelabros, lampeões, etc. ....	1.198	1.081
10 — Defeitos em chaminés .....	1.221	840
11 — Superaquecimento em motores, máquinas rotativas e arcos elétricos .....	971	790
12 — Descuidos e defeitos em aparelhos de gás .....	758	647
13 — Incêndios criminosos e de causas não determinadas	549	459
14 — Alertas em aeroportos .....	359	526
15 — Descuido no uso de maçaricos de acetileno ....	187	189
16 — Diversos .....	641	440
T O T A L	37.616	38.628

#### A organização contra o fogo

As medidas de proteção contra fogo nos EE. UU. constituem uma de suas principais características. Ao mais leigo é dado sentir os cuidados sempre materializados onde exista qualquer atividade humana.

A prevenção contra fogo nesse país tem origem não só na expressão inofismável de suas estatísticas mas também por ser historicamente muito cara aos americanos a lembrança de grande calamidades, como o incêndio de Chicago que, no ano de 1.871, destruiu totalmente a

cidade.

Existe tal conjunto de medidas acauteladoras a ponto de podermos afirmar que a proteção predial é tão importante como a eletricidade, a água, o esgoto e os elevadores.

A magnitude da organização norte-americana contra incêndios é expressiva, não apenas materialmente mas, sobretudo, pelo dinamismo do sistema, traduzido por uma eficiente fiscalização das leis de prevenção, bem como, na grande equipe de técnicos e de institutos especializados que, incessantemente, fazem da prevenção contra fogo um imenso campo

de atividade, constituindo um setor especializado de engenharia altamente complexo.

Na nossa opinião, a grandeza do sistema norte-americano de prevenção e combate a incêndios, baseia-se essencialmente no seguinte:

a) — **Legislação adequada** — Paralelamente ao código de obras, toda cidade adota um código municipal de prevenção contra fogo. Os construtores e proprietários são obrigados a cumprir suas determinações sob pena de serem processados. Os projetos passam da secção de plantas da Municipalidade para o Departamento de Prevenção dos «Fire Departments», onde são convenientemente apreciadas.

b) — **Fiscalização** — Em caráter permanente, existe um autentico policiamento sobre a observância do código de prevenção. Esta fiscalização é exercida pelo pessoal do «Fire Department» que estende a sua inspeção desde as residências até os estabelecimentos de atividades mais complexas. As atividades de cada setor são grupadas segundo o risco de incêndio e a frequência das inspeções se faz observando esse aspecto. É interessante ressaltar que as inspeções de primeiro escaião são procedidas pelo próprio pessoal que corre para o fogo, incidindo a fiscalização sobre o setor onde normalmente são empenhados em serviços de extinção.

c) — **Os meios auxiliares de prevenção e combate ao fogo** — Face à exigência dos códigos, a que já nos referimos, em toda parte onde existe atividade humana, constata-se a pre-

sença de disposições que visem a ampliação das condições de segurança no trabalho e a salvaguarda do patrimônio. Por ser impossível a citação aqui de toda a gama de exigências e recomendações, o que importaria na reprodução inteira do código, faremos uma tentativa de pôr em relevo apenas alguns pontos mais característicos.

Assim todos hotéis, hospitais, lugares de divertimentos e reuniões públicas, escolas, armazens, fábricas, escritórios, garagens coletivas e prédios de habitação coletiva, adotam normas de prevenção contra fogo consubstanciadas no meio de evacuação rápida, dispositivos que dificultam o alastramento do fogo, equipamento de combate ao fogo e no treinamento do pessoal.

Entre os meios de evacuação rápida está consagrado o uso amplo de múltiplas saídas. As escadas externas dos arranha-céus (escada de incêndio) estão hoje, nos novos prédios, sendo construídas internamente, porém sempre afastadas dos elevadores e, conforme a envergadura do prédio, também em número múltiplo.

Os dispositivos que dificultam o alastramento do fogo são constituídos especialmente de paredes e portas corta fogo, paredes e pisos incombustíveis, vidro com tela metálica e certos cuidados no armazenamento de materiais combustíveis. Nos edifícios centrais de grande porte foi largamente constatado o uso de portas «corta-fogo» de metal entre os corredores de circulação e as escadas, como medida para bloquear a passagem do fogo de um pavimento a outro.

Os dispositivos de combate ao fogo se resumem nas instalações hidráulicas e extintores, bem conhecidos do nosso meio, apenas com a diferença que lá tem um uso mais generalizado. A existência de tomadas de água com mangueiras é infalível e a de «sprinklers» muito comum onde uma boa proteção deve ser prevista.

O treinamento do pessoal é para os americanos fator fundamental para que as normas de prevenção sejam realmente eficientes. Consideram que a improvisação gera o pânico e que de nada valem os planos e os recursos materiais se não houver hábitos para que, em situação de emergência, cada um proceda adequadamente.

Efetivamente, o treinamento do pessoal é desenvolvido a fundo, não só nos edifícios de ocupação coletiva como também pelas autoridades. Assim, à nossa passagem por Chicago, assistimos os trabalhos de uma «comissão monstro» que, na ocasião, planejava um grande «show» para o mês de agosto do corrente ano quando dentro do tema de um grande incêndio seriam coordenados o emprego de colossal equipamento, o movimento de enorme massa humana envolvida por sinistro e a aplicação de planos de ataque a priori preparados.

d) — **Abundância de água** — As cidades americanas são dotadas, normalmente, de completa rede de água que fornece o precioso líquido com tal certeza e abundância que alguns corpo de bombeiros podem prescindir de instalar em suas viaturas tanques de emergência. Usam hidrantes de coluna em grande nú-

mero. Na zona central, existem em todas as esquinas e nas zonas urbana e suburbana, em esquina alternadas. Com exceção de Nova Iorque que possui na zona central uma cadeia de hidrantes de alta pressão, ao lado dos de baixa pressão, nas restantes cidades a água utilizada é a de uso domiciliar.

e) — **Os corpos de bombeiros «Fire Departments»** — Cremos que a mais viva expressão do sistema norte-americano de prevenção e combate ao fogo reside nos «Fire Departments». São municipais mas, nem por isso deixam de observar muita semelhança. Recebem grande apoio financeiro das Prefeituras e são fartamente dotados em material e pessoal. Graças a essa situação, os seus componentes se consideram bem pagos e as autoridades podem fazer acurada seleção. Essencialmente constituem-se de: Comissário (chefe), um Estado Maior, um Departamento Executivo (combate ao fogo e fiscalização), um Departamento Administrativo, e um Departamento de Prevenção.

Resumindo nossas impressões sobre os «Fire Departments» visitados, destacamos o seguinte:

1 — São considerados eficientes pelas autoridades e populações das cidades que servem.

2 — Dispõem de grandes recursos materiais, especialmente meios de ataque ao fogo, salvação e comunicações.

3 — Os meios de ataque acham-se distribuídos em numerosos pequenos destacamentos e dispostos junto

às mais prováveis áreas de intervenção. Em consequência da observância dessa consagrada concepção estratégica, normalmente os incêndios são combatidos no seu nascedouro, não constituindo problema a sua extinção já que cada posto não depende mais que um minuto para alcançar o local do sinistro em seu setor. A distribuição dos postos não é geométrica e o número deles por

unidade de área varia com a natureza da mesma. Em determinados setores de Chicago e Nova Iorque, a distância entre postos desce a 600 metros. No quadro IV é feita uma demonstração comparativa do número de postos de bombeiros de diversas cidades, inclusive S. Paulo, onde fica bem caracterizado o grau de descentralização e riqueza material alcançado pelas cidades norte-americanas.

Q U A D R O I V

CIDADE	N.º DE HAB.	N.º POSTOS	N.º DE HAB. PARA CADA POSTO
São Paulo	3.500.000	12	290.000
Chicago	3.600.000	130	27.500
Washington	800.000	32	25.000
Nova Iorque	8.000.000	360	22.000
Lansing	100.000	9	11.000

4 — Sob o ponto de vista tático resalta o seguinte: a) de acôrdo com planos, «a priori» estudados, as viaturas de diversos postos convergem sobre locais sinistrados em número proporcional ao número de alarmes; b) em todo posto há basicamente um auto-bomba, isolado ou acompanhado de uma viatura de escadas ou de um carro tipo explorador; c) quando o incêndio compromete o uso do equipamento por tempo elevado, ocasionado em consequência do rompimento do equilíbrio do sistema em determinada área, há uma operação, do tipo emprêgo de reservas, em que alguns postos são reocupados com recursos dos postos contíguos à área afetada; d) outros princípios de ação deixam de ser mencionados por constituírem

matéria pacífica e bem divulgada entre nossas organizações.

5 — Sob o ponto de vista técnico pudemos constatar o seguinte: a) o equipamento é igual ao das nossas organizações, só diferindo em quantidade; b) as técnicas de emprêgo também são do nosso conhecimento; c) através das cidades visitadas notamos alguma diferença entre as mesmas no que tange à composição do equipamento e aceitação de determinadas técnicas de combate ao fogo. Existe também atraente controvérsia em tôrno dos jatos de neblina de baixa e alta pressão, assuntos que serão abordados em outra ocasião.

6 — Administrativamente, os «Fire Departments» são extrema-

mente simples. A descentralização existente não foi razão para que não encontrassem fórmulas simples de trabalho. O sistema adotado baseia-se na responsabilidade individual que cada um dos seus componentes deve ter. Como exemplo, citamos que cada homem veste-se e alimenta-se sem que para tal existam órgãos administrativos especiais para esses fins, ocasionando como é obvio, notável redução do pessoal burocrata.

Finalizando nossas impressões sobre os «Fire Departments» queremos registrar que é tão importante a missão confiada a essas organizações no tempo de paz e, sobretudo no de guerra, que o govêrno norte-americano já cogita da federalização dos mesmos a fim de assegurar maior entrosamento com as operações de proteção da retaguarda.

f) — **Institutos técnicos** — No final deste capítulo, não podemos omitir o papel que as organizações técnicas especializadas de natureza oficial e privada desempenham. Bastaria citar, para que se possa julgar da sua importância, que constituem o manancial onde os bombeiros de todo o mundo encontram orientação técnica e científica, para conduzir a prevenção e o combate ao fogo de forma racional.

Dedicam-se tradicionalmente às pesquisas e às especificações tecnológicas desfrutando os seus trabalhos de elevado conceito. Essas organizações e seu imenso corpo de técnicos constitui notável patrimônio de organização e ciência, no qual se alicerça o fabuloso sistema norte-americano de prevenção e combate ao fogo.

Citaremos especialmente: «Un-

derwrites Laboratories» (sede em Chicago), «National Fire Protection Association» (sede em Boston), «National Fire Board Underwrites» (sede em Nova Iorque) e «Actuarial Bureau Reserch» (sede em Chicago). Entre suas realizações mais conhecidas, podemos citar os códigos de prevenção, os códigos de eletricidade e uma infinidade de publicações especializadas sob a forma de livros, revistas e boletins.

Em face da importância que se dá a êsse assunto, algumas universidades também possuem um departamento através do qual contribuem para estudo e difusão da prevenção contra incêndios. As universidades estaduais de Maryland e Oklahoma, entre outras, mantêm um curso de engenharia dessa especialidade.

## II PARTE

### Considerações finais e conclusões para São Paulo

Após a tentativa de espelhar com o máximo de fidelidade tudo que nos foi dado observar, ralçaremos alguns pontos que consideramos fundamentais, dentro do objetivo de apresentar conclusões aplicáveis a São Paulo.

A análise do quadro I, vimos a contrastante diferença, entre o número de sinistros de São Paulo e o das cidades norte-americanas. Em Chicago, por exemplo, 1070 por ano por cem habitantes, para 32 em nossa capital.

A primeira indagação seria, qual a causa desta diferença? Cremos que são várias e decorrem essencialmente da diferença de clima, tipo de

construção, calefação, grande uso de aparelhos e maquinismo domiciliares, a intensa atividade comercial, industrial e o transporte, como traduz o quadro III.

Quanto à São Paulo, não estamos em face de um número desprezível de sinistros e pensamos que, sem esperar atingir aqueles valores, temos tendência acentuada de aumento onde os fatores causais, a me-

nos do clima e do tipo de construção, serão os mesmos a exercer sua incoercível influência. Aliás, é interessante mencionar que está se tornando generalizado entre nós o uso de divisões de madeira em todos os prédios de atividade comercial.

Outra pergunta seria: nossos recursos não estarão de acôrdo com o nosso número de incêndios? Com dados anteriores podemos elaborar o quadro V

#### Q U A D R O V

CIDADE	N.º POSTOS	N.º INCÊNDIOS/ANO	N.º INCÊNDIOS/ POSTO /ANO
São Paulo	12	1.090	91
Chicago	130	38.628	295
Lansing	9	1.173	130
Washington	32	4.187	130
Nova Iorque	360	53.072	149

onde se nota que para cada posto ou estação, em nossa capital, corresponde um número de incêndios inferior ao de qualquer das outras cidades e, em consequência, a nossa cidade estaria muito bem equipada. Na verdade, não ocorre isto e a mais viva expressão do que queremos concluir é representada pelo quadro II onde se vê que o número de incêndios médios e grandes entre as cidades norte-americanas é inferior a um por cento, enquanto em nossa capital atinge a quinze por cento. A principal causa disto está em que a descentralização do Corpo de bombeiros é ainda incipiente e não podemos, em curto tempo, concentrar meios em quantidade compatível com as necessidades de incêndios

maiores os quais, não raro, tomam grande vulto. Poucos postos isolados e largamente afastados é descentralização que não favorece a combinação de meios e, ao contrário, contribui para diluir o sistema e enfraquecê-lo.

Assim, uma primeira conclusão é, confirmando estudos já elaborados pelo Corpo de Bombeiros, incrementar rapidamente o número de postos até conseguir-se o índice de cem mil habitantes para cada posto o que proporcionará maior aptidão de manobra e de combate a cada grande setor da Capital.

Outro fator preponderante no combate ao fogo é a água. Nos EE.UU. existe em abundância e é um dos fatores que explicam a pequena

porcentagem de grandes incêndios, pois o mais importante princípio de combate ao fogo é atacá-lo adequadamente, enquanto no início.

Em nossa capital, estamos tendo, repetidamente, incêndios com danos totais pela falta de água. Grande parte da cidade não é servida pela rede de água e, não raramente, havendo canalização há falta do líquido apesar das manobras efetuadas.

Em face disso e considerando que a solução desse problema demandará tempo, imensos recursos financeiros e até dificuldades de execução, impõe-se uma solução para remediar a situação e pensamos ser a mais apropriada o aumento do número de tanques móveis de grande capacidade (jamantas) de forma que cada conjunto de três postos seja dotado de uma dessas viaturas conseguindo-se assim uma descentralização mais eficiente e vencendo-se por outro lado, dessa forma, o grande obstáculo que é a situação crítica do nosso tráfego. Paralelamente, deve-se obter que o D.A.E. ao elaborar projetos de redes de água, tanto para a capital como para o interior, atenda melhor às necessidades nos incêndios.

Faremos em seguida considerações sobre a necessidade da prevenção contra incêndios. Talvez porque, inexplicavelmente, e por obra do acaso, ainda não tenhamos tido repedidas catástrofes com perda de vidas, as normas de prevenção contra fogo entre nós só são adotadas pela livre iniciativa privada. Não existe ainda um regulamento e uma

organização capazes de pô-las em prática em toda plenitude de sua necessidade. Para muitos, as normas de prevenção constituem um obstáculo à estética, são excessivamente dispendiosas e até desnecessárias.

Pensamos que a conclusão sobre o emprêgo de meios de prevenção não podem ser baseados na estatística das mortes por sinistros. Não seria mesmo necessária qualquer calamidade para que se julgasse de sua conveniência. A necessidade decorre, antes, do bom senso e respeito à vida humana e, depois, do interesse na defesa do patrimônio e da continuidade produtiva. Quanto aos demais óbices, diremos o aspecto estético pode ser resguardado com algum engenho e arte; economicamente, o encarecimento de uma obra é ínfimo pela previsão de disposições de segurança. A experiência mostra que a vida e o trabalho, em ambiente onde exista uma adequada prevenção contra sinistro, decorrem mais tranqüilos e seguros.

Além dessas considerações, não podemos deixar de insistir que esses meios de prevenção constituem também a primeira linha de defesa contra o fogo e, convenientemente usados, podem contribuir para diminuir o número de grandes sinistros.

A nossa observação e outros fatores, não nos permitem esperar que, por enquanto, a livre iniciativa dê proteção à vida alheia ao patrimônio e à produção em grau desejável, impondo-se pois, urgentemente, regular o crescimento das cidades do Estado, dentro da missão deste

de zelar pela segurança dos seus integrantes.

Por último, abordaremos uma questão que consideramos de suma importância. Referimo-nos à imensa organização de técnicos que, como foi dito anteriormente, contitui nos EE. UU. a infraestrutura em que se assenta sólidamente o grandioso edifício da prevenção e combate ao fogo.

Depois do contato com esse importante setor e sentida a magnitude da sua eficiência, não se pode esconder o desejo de que entre nós existisse algo de semelhante ou pelo menos se procurasse fomentar o seu desenvolvimento.

Até aqui, embora o Estado de São Paulo tenha atingido um alto padrão de desenvolvimento econômico e industrial, temo-nos encontrado na contingência e necessidade de recorrer a especificações estrangeiras para resolução de problemas locais de prevenção. Esse sistema tem permitido remediar as situações mas não nos assegura independência técnica nem garante mais cuidadosos estudos de adaptação.

Ressentimo-nos da falta de laboratórios especiais para testes de equipamento de combate ao fogo, bem como, para prova de materiais e dispositivos contra propagação do mesmo. Além disso, não dispomos de um órgão técnico que coordene

as atividades especializadas da engenharia civil, de eletricidade, mecânica e industrial ou química, para servir exclusivamente à prevenção contra fogo.

O conhecimento dos combustíveis sólidos e líquidos, dos gases inflamáveis e dos explosivos, suas propriedades, cuidados, manipulação, armazenamento e transporte; o estabelecimento de normas construtivas prediais, regulando a capacidade, circulação, saídas, ventilação e uso de maquinismos, caldeiras etc.; a previsão de equipamento de proteção e combate ao fogo, da água aos produtos químicos, dos sistemas móveis aos fixos e mais complexos, condicionados aos tipos de construção, de ocupação e atividade, constituem o vasto campo da prevenção contra fogo, cuja complexidade aumenta com a minúncia, precisão e tecnicidade que lhe são próprias e indispensáveis, justificando assim a existência de uma equipe técnica inteiramente dedicada a esse serviço.

Pensamos que a prevenção deve ser regulada por uma lei estadual, a fim de que se assegure, em todos os municípios, a necessária igualdade de exigências. Contudo, seja essa regulamentação estadual ou municipal, impõem-se a existência de um órgão especializado para elaboração de recomendações que sirvam de base ao estabelecimento dos códigos.



Insistindo ainda sôbre a necessidade dêsse órgão lembraremos que o problema da prevenção, além dos aspectos focalizados, deve ser conduzida também em plano mais elevado, qual seja o do levantamento da situação do Estado, distribuição demográfica, conhecimento de particularidades regionais e obtenção e interpretação de dados para que, com base estatística, se possa orientar a solução de problemas como a demanda de água, necessidade de meios materiais de combate ao fogo e outros.

Ao aproximarmos-nos do final dêste trabalho e, a fim de dar-lhe uma feição mais objetiva faremos um resumo das conclusões apresentadas, a saber:

1 — Aumentar rapidamente o equipamento e o número de postos de bombeiros (até um posto para cada cem mil habitantes). Aumentar o número de tanques móveis de grande capacidade (até um tanque para cada três postos, considerando o número necessário dêstes);

2 — obter junto ao D.A.E. a elaboração de projetos de redes de água, tanto na capital como no interior, que atendam melhor às necessidades nos incêndios;

3 — estabelecimento urgente de uma lei de prevenção contra incêndios; e

4 — incentivar a criação de um órgão técnico para estudar em caráter permanente o problema da prevenção.

Esperamos, embora fazendo considerações limitadas, ter reunido o que nos pareceu mais importante para que, com base nas mesmas, se possa sugerir ao govêrno a adoção de medidas em proveito de uma melhor organização de prevenção e combate ao fogo. Conta-se assim, pôr têrmo a essa situação desordenada que poderá, sem fantasia, redundar em inestimáveis perdas, sobretudo de vidas humanas.

MILITIA tem a satisfação de anunciar que, a partir do próximo número, fará inserir sistematicamente, entre suas publicações, trabalhos sôbre segurança contra fogo e salvamentos, para o que já tem a colaboração de diversos componentes da Fôrça.

Conta-se assim, com mais êste serviço, que MILITIA possa contribuir para a difusão dêsse assunto de suma importância, não só dentro da Fôrça, mas também junto às organizações similares de outros Estados.

*Major Luiz de Siqueira*

da P. M. D. F.

Sabemos que POLÍCIA é índice de civilização e cultura de um povo. A própria origem etimológica da palavra o indica. Com efeito, ao desembarcar em uma cidade estranha a primeira pessoa que, instintivamente, buscamos com a vista é o policial, seja para uma informação acerca de condução, hotel ou localização

---

## POLÍCIA - ÍNDICE

---

de determinado bairro ou rua, seja por simples curiosidade. Quando ele se apresenta bem pôsto, com seu uniforme impecável, rigorosamente limpo, sereno e cortês, prestando informações seguras (porque deve trazer consigo o indicador geral da cidade), o viandante sente que realmente está a pisar solo adiantado, habitado por povo culto. Mas se, ao revés, depara com um desses tipos acapadoçados, cabelos crescidos fazendo prateleira, barba por fazer, boné no alto da sinagoga e olhar atrevido, sentimos como que uma impressão de insegurança e logo imaginamos que ali vive gente que há de rezar pela mesma cartilha do guarda... Sim, porque a polícia não foi feita somente para prender. Ela tem missão muito mais elevada e humana, que é prevenir, aconselhar, orientar, exercendo muitas vezes fun-

ção educativa nas baixas camadas populares. Prevenir é, em última análise, sua tarefa precípua, porque mais nobre, mais digna. A prevenção deve sempre preceder à repressão. É por isso que existe o guarda de trânsito para evitar acidentes e atropelamentos nas ruas; que se faz campanha contra o porte de armas para atalhar os atentados contra a integridade física da pessoa, e assim poderíamos enumerar um série de limitações impostas pela polícia, precisamente para impedir que a ordem seja perturbada por alguns elementos de mau movimento da coletividade. Quando a polícia exercita o seu poder estabelecendo «mão» e «contra-mão» nas vias públicas ou o «circulez» nos passeios de grande movimento, parecerá, à primeira vista, que está cerceando a liberdade do cidadão, mas na verda-

---

## DE CIVILIZAÇÃO

---

de, apenas procura pôr disciplina no tráfego, ensinando ao povo a prática dos bons costumes. O zelo pela tranquilidade, o respeito pelos direitos alheios, a moralidade nos logradouros, são atribuições que nasceram com a polícia.

Tendo em vista a delicadeza desse trabalho é que o Estado, quan-

do organiza a corporação encarregada de velar pela segurança coletiva, esmera-se em selecionar os seus componentes, dando-lhes honrosos vencimentos para que tenham vida decente e estejam a cavaleiro das necessidades e das tentações do subórno. Questões pacíficas são igualmente as garantias que se lhes devem outorgar, tais como: aposentadoria integral, seguro de vida, amparo à família, etc. Tal era a importância que a corte portuguesa dava a essa instituição que D. João VI ao criar, em 13 de maio de 1809, a Divisão Militar da Guarda Real da Polícia, determinou «que as praças fossem escolhidas dentre as melhores dos corpos de linha», então existentes no Rio de Janeiro, «devendo os seus vencimentos serem iguais aos daquela tropa, acrescidos de outros proventos oriundos das rendas da Polícia». Constituiu, na época, grande honra e galardão para um oficial de linha servir em comissão na Guarda Real da Polícia.

Bem remunerado, com todas as garantias para si e sua família e seguro de que as autoridades não o abandonarão em qualquer emergência de sua vida funcional, pode o policial dedicar-se de corpo e alma à sua nobre missão social. Entretanto, como dizia Aurelino Leal «o que é indispensável é não estabelecer uma garantia que favoreça o funcionário em prejuízo do serviço. O intuito deve ser duplo: proteger o funcionário e garantir a função». Há, evidentemente, necessidade da polícia ter o seu próprio estatuto em que o direito do funcionário e o do Estado sejam resguardados. A função do mantenedor da ordem é de

natureza especialíssima, dura e espinhosa, não podendo ser confundida com a generalidade do serventário burocrático. Qualquer indivíduo não deve entrar para ela como para um emprego comum, mediante simples concurso no DASP. Esse o erro fundamental no atual recrutamento do pessoal da nossa polícia. Deve existir, isso sim, uma escola de aspirantes a policial (guarda e investigador), sob regime de internato de duração de mais ou menos quatro meses, como são as escolas de formação do «policeman» inglês e americano, do «schuppo» alemão, do «gendarme» francês, etc. Em qualquer país onde a polícia é levada a sério, o candidato a policial frequenta aulas das matérias adequadas ao seu «métier», recebendo conveniente educação moral e física, depois de passar no crivo de rigorosa investigação sobre sua vida social pregressa; e, si no decorrer do estudo e dos testes a que é submetido não revelar acuidade intelectual, bom caráter e decidido pendor para a carreira, é imediatamente eliminado.

No nosso caso, podemos afirmar que a formação do soldado de polícia tem vantagem sobre a do guarda civil. A primeira escola profissional da antiga Brigada Policial foi criada em 13 de maio de 1905, no comando do insigne general Siqueira de Menezes e melhorada pelos não menos eficientes gens. Souza Aguiar e Silva Pessoa, respectivamente, em 1907 e 1910. Desde então nenhum polícia militar deixou de ser instruído para sua dupla missão de soldado e guarda da ordem, sob regime de internato. O guarda ao contrário, é admitido para depois ser instruído

em escola situada fora de sua corporação, cujos professores, embora competentes e dedicados, são estranhos à Guarda Civil. A nosso ver, quem imprime amor à corporação e, portanto à função que lhe é inerente, é o instrutor que veste a mesma farda do instruendo. Ele é o seu modelo: seu porte, sua conduta e

modo de agir constituem um ABC aberto diante do recruta.

Reforma de polícia fora dos lineamentos que apontamos, isto é, sem ESTATUTO que estabeleça garantias para a função e para o funcionário, redundará sempre em mudanças de nome das repartições policiais sem vantagem alguma para o seu padrão de serviço.



## MILICIANOS DA FORÇA PÚBLICA !

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA  
**BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,**  
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dele.

**BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA**

SUCURAL NO ESTADO DE S. PAULO.  
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120  
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

O crime bem sucedido e afortunado é chamado de virtude.

(Sêneca)

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL E RESERVAS: Cr\$ 1.060.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO  
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —  
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E  
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —  
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

## AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olimpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajuí	

## AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

# QUESTÕES DE ENSINO

ESPECIAL PARA MILITIA

Prof. Hans Peter Heilmann

(Do Colégio Estadual de Capivari)

\* \* \*

## I - A atitude do aluno na escola secundária

O grande mal de um ensino livresco é a atitude essencialmente passiva do educando. É por isso que, nos Estados Unidos, após algumas tentativas, foi rejeitado o ensino pela televisão. Não há dúvida que uma preleção ocasional pelo rádio ou pela televisão pode proporcionar interessantes conhecimentos; mas como método habitual, esse processo deve ser rejeitado.

Quais as razões desse fracasso? Uma delas é, sem dúvida, a falta de contato direto entre o aluno e o professor. Mas o inconveniente maior reside na atitude do discente, que fica sentado diante de uma tela; ele não aprende — espera que lhe ensinem. Ora o valor do ensino está na razão direta do grau de participação do aluno; quanto mais o aluno participa da aula mais proveito dela tirará.

O professor tem múltiplos recursos para solicitar e obter a participação da classe: perguntas, problemas, debates, seminários etc. Mas, sem dúvida, no ensino de ciências, a parte mais proveitosa ao aluno é a prática individual no laboratório. Assim como uma língua só se aprende falando e escrevendo, também a ciência exige prática para o seu aprendizado.

## II - Laboratório de Física ou Museu de Aparelhos ?

As experiências de física podem ser classificadas em dois grupos: as demonstrações feitas pelo professor na frente da classe, que são úteis, e as manipulações feitas pelos próprios alunos, que são indispensáveis. Infelizmente, até hoje a administração não se convenceu de que a manipulação pessoal é da mais alta importância; é verdade que requer material em maior quantidade, mas este é mais barato. Com alguns milhares de cruzeiros, consegue-se reunir um conjunto de elementos que permitam aos alunos trabalhar e praticar com grande proveito. O que se vê, em muitos colégios infelizmente é um conjunto de aparelhos custosos, mofando nas prateleiras dos gabinetes de física (esse nome também cheira a mofo) e que, quando muito, são tirados do armário uma vez por ano, e assim mesmo só para ser mostrados aos alunos, porquanto de há muito deixaram de funcionar. Esses museus fossilizados dão ao aluno a falsa impressão de que a física é algo de pré-fabricado, guardado em armários envidraçados, fora do alcance de mãos curiosas.

Ora, as mãos curiosas dos alunos são justamente as que devem ser postas em atividade, mexendo, montando, experimentando. Há que considerar, é certo as limitações materiais. Nem todo colégio pode ter uma oficina mecânica com aparelhos de toda espécie. Mas com materiais relativamente baratos, algumas pilhas, fios, lampadas, alicates, pedaços de madeira, quanta satisfação não podem ter os jovens estudantes, ao descobrirem por si mesmos que a física funciona, também fora dos armários envidraçados!

### CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Força Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.  
Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

# CARDIOPATAS NAS FÔRÇAS ARMADAS

## DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

**OSCAR P. DOS SANTOS ABRANCHES**

CAP. MÉDICO DA P. M. DO RIO DE JANEIRO

Em continuação a este assunto, passo a fazer referência aos exames médicos que são feitos nos recrutas que irão submeter-se às futuras provas de educação física nas suas diversas modalidades, como: ginástica sueca, corrida, ordem unida e, depois, os exercícios de aplicação, a saber: subir em cordas, barra paralela, barra fixa etc.

Os exames de rotina compreendem, antes de mais nada: — Tomada de peso e altura, grupamento homogêneo e exame biométrico.

Os exames referidos são essenciais, a fim de ser reunido o material humano em estado hígido para os labores da caserna. Em nossa Polícia Militar, esses exames têm sido feitos rotineiramente e acrescidos de exame do coração, aliás desde 1953. Desde aquele ano venho militando nesta briosa milícia, ávido de compulsar o estado do miocárdio de oficiais, sargentos e praças, a fim de ser delineada como o foi, quando no comando do 1.º B.C. estava o cel. Jonathan Deserto Bastos, sendo comandante geral o ten. cel. do Exército, Jeronimo Deremgoski a participação ou não dos referidos militares nas provas de educação física e em outros misteres.

O exame do coração foi útil a esses homens, porque serviu para dosar o exercício que deviam fazer, assim como afastar aqueles que não estavam em condições satisfatórias, apresentando dispnéia de esforço, tonteiras etc., isto com referência aos de mais de 35 anos de idade, isto é, sargentos e oficiais para os quais estava sendo aplicada a ginástica de conservação. Mesmo assim, inúmeros foram afastados, por não ser compatível com os mesmos o mínimo esforço, em virtude de apresentarem uma pressão arterial elevada e outras síndrome anginoso. O exame do coração tem servido também para eliminar os voluntários à Polícia Militar que não estejam com seu miocárdio funcionando normalmente isto é, que não apresentem sopros, extra-sístoles, abafamento de bulhas etc., mesmo com resultados normais nos seus exames de laboratório, como reações sorológicas da lues, abreugrafia etc.

Organizei um fichário dos portadores de vício valvulares funcionais, anorgânicos ou orgânicos e os venho tendo em observação médica, al-



guns fazendo tratamento ambulatorio e outros não dando importância a sua aortite, a sua pseudo vagotonia etc. e, portanto, sem o respectivo tratamento. Nos Estados Unidos, os grandes centros hospitalares, com seus serviços especializado de cardiologia, possuem fichário organizado de doentes de longa data que comparecem a intervalos pré-determinados às respectivas clínicas, a fim de ajuizarem se a enfermidade cardiaca de que o paciente é portador, está progredindo ou não, isto com referência aos enfermos de ambulatorio.

Os militares mais novos em idade, por exemplo, os que acabaram de ser incorporados e que foram submetidos previamente ao respectivo exame cardiológico, estarão a salvo de que o exercício fisico ou o esforço em subir morros, correr atrás de delinquentes etc. venham a morrer súbitamente por uma crise anginosa ou infarto do miocárdio.

A tomada de peso e altura é um dos elementos importantes do exame médico, pois daí inferimos os deficientes, assim como os que estão para além do peso ideal. Tudo isto, em relação proporcional à altura e à modalidade de ginástica a ser empregada, variará para esses dois tipos:— os deficientes e os excedentes no peso.

O grupamento homogêneo refere-se à estética da apresentação do conjunto de homens que devem constituir-se em escala harmônica com referência à altura e ao biotipo, a fim de não empanar o brilho da tropa em desfile, na educação fisica ou em formaturas internas. O exame biométrico vem agregar-se aos demais na medição do desenvolvimento corpóreo do individuo.

Torno a insistir que à base de uma eugenia condizente, o exame do aparelho circulatório deve ser o primordial, seguido dos demais, como a tomada de peso e altura etc. Mencionarei em assuntos médicos já passados, algumas características semiológicas, como:

- a) — uma ausculta demorada e atenta dos focos do coração;
- b) — ainda pela ausculta, verificarmos como é comum o ritmo de trem (lusiada), em vez do característico de galope;
- c) — também, a escuta cuidadosa do aparelho respiratório, a fim de verificarmos se o paciente não apresenta sinais de estase nas bases pulmonares etc. e, procedendo dessa forma, estaremos fazendo uma espécie de triagem, isto é, selecionando os capazes para a perigosa missão policial e os menos aptos para funções burocráticas ou outras que não exijam esforço fisico que possa ser maléfico ao paciente, como: estafeta, plantão de alojamento, serventes, etc.

Concluindo este sumaríssimo esboço de orientação médica, vemos que o ideal é adotar medidas preventivas mais eficientes com a inclusão da especialidade cardiológica no meio militar, assim como outra de grande alcance médico, como seja a de psiquiatria. Da próxima vez, ventilarei a terapêutica.

# MACHADO DE ASSIS

E A

## HISTÓRIA PÁTRIA

PROF. VINICIO STEIN CAMPOS

Na tarde luminosa de 29 de setembro de 1908 no silogeu da Academia Brasileira de Letras, ante o corpo inanimado de Machado de Assis, fisicamente presente, pela última vez, ao cenáculo a que êle comunicara a imortalidade de sua glória, — Rui Barbosa, no mais comovente dos adeuses, definiu o genial escritor como o clássico da língua, o mestre da frase, o árbitro das letras, o filósofo do romance, o mágico do conto, o joalheiro do verso, o exemplar sem rival, entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da sigeleza no conceber e no dizer.

E antecipando-se ao pronunciamento dos pósteros, numa antevisão profética do futuro Rui anunciou a intensificação do culto nacional de sua memória, a exemplo de fachos de luz tanto mais amp'os e radiosos quanto mais distantes de seu fóco, pois quanto mais difundida e iluminada se tornasse, no seio do povo brasileiro, a fascinação das belas letras, aprimorando-lhe o espírito na cultura do coração e da inteligência, maior haveria de ser a veneração, o aprêço, a devoção do Brasil à figura

e à obra literária de seu grande filho.

Cinquenta anos após as palavras oraculares do magnifico baiano, vemos plenamente confirmado o seu vaticínio e a imperecível obra machadiana em vitoriosa marcha no mundo das letras, tanto nacionais como estrangeiras agigantando-se com o país e renovando-se a cada geração, pois ela traz em si, na genialidade de sua inspiração e de sua tessitura, a mensagem eterna, da simplicidade e da beleza!

Alcindo Guanabara, falando, na Câmara dos Deputados, por ocasião da morte do escritor, disse que o poder público não poderia ausentar-se do culto cívico de Machado de Assis, a menos que desejasse dissociar-se das condições de autêntico e legítimo representante da nação. Tinha êle, necessariamente, que solidarizar-se com o povo, na consagração daquela figura, exponencial de nossas letras, pois essa era a atitude que o Brasil esperava senão exigia, de seus representantes. Daí a razão da presença da Secretaria da Educação nas homenagens desta noite, quando o Instituto Histórico e

Geográfico de São Paulo, sentinela vigilante das tradições de cultura e brasilidade do continente, abre solenemente às suas portas para participar, com entusiasmo e galhardia, da glorificação do ilustre brasileiro.

O ângulo sob o qual nos propusemos examinar convosco a figura do grande literato, conquanto se case maravilhosamente às atividades intelectuais do sodalicio, — MACHADO DE ASSIS E A HISTÓRIA PÁTRIA, — mereceu, em vida do escritor, apaixonados debates inçados de conclusões mui diversas daquela que iremos perfilhar. Para citar apenas dois, dentre os mais respeitáveis e exaltados de seus opositores, lembrá-vamos Silvio Romero e José do Patrocínio. O primeiro foi tão longe em sua divergência com o maravilhoso romancista de «Memórias Póstumas de Braz Cubas», que chegou mesmo a recusar-lhe, em certo sentido, valor literário à sua triunfal jornada pelas letras. E' exato que se penitenciou, posteriormente, dêsse juízo, mas perseverou na afirmação de que Machado esquecera, na sua obra, o povo brasileiro, convulsionado, durante a vida do romancista, por acontecimentos memórais, como a guerra do Paraguai, a abolição da escravatura, a proclamação da república, as guerras civis, o ençilamento. José do Patrocínio, com veemência das mais contundentes, insurgiu-se, também, contra o suavíssimo criador de Iaiá Garcia, apostrofando-lhe a indiferença ante as aflições em que se debatia a sua gente, insensível às angústias que retalhavam a Pátria, fechado na torre de marfim de suas ilusões literárias, de seus livros e de seus versos.

Mas teria Machado de Assis permanecido ausente da vida nacional, nessa cômoda postura de total alheamento, de soberana indiferença, ante os emocionantes episódios sociais de seu tempo? Estaria êle, por ventura, dominado por entranhado amôr a terras estrangeiras atraído, e a tal ponto, pela sedução de outras plagas, que êsse condicionamento espiritual se revelasse, inelutável e revelador, em todos os seus escritos? Sômente isto, em verdade, sômente a desnacionalização do escritor, a cessação de sua comunhão com a corrente energética da vida brasileira, poderia explicar o insulamento cívico de Machado de Assis, na hipótese de haver êle existido. E sômente essa condição especialíssima de seu mundo interior, desligado completamente dos sentimentos patrióticos de seu povo, poderia emprestar sentido a semelhante interpretação de suas obras, pois a admirável vernaculista era um inspirado poeta, dotado de fina sensibilidade, como o atestam os seus primorosos trabalhos, divulgados pela imprensa carioca.

Não! Machado de Assis não foi êsse abúlio estigmatizado pelos seus gratuitos adversários. O que faltou aos que dissentiram do nacionalismo de seu engenho, foi a indispensável dose de imparcialidade e equilíbrio, ou, para sermos mais precisos, condições de perspectiva para avaliar com justiça e envergadura do titã. Machado lavrara no mármore polido de seu estilo um monumento literário de proporções grandiosas, a exemplo dos massiços, dos píncaros altaneiros, que só a distância permite abarcar em tôdas as

suas linhas portentosas. Daí a con-  
sados.  
denação que sofreu, dos juizes apres-

Todavia, se no preciso instante de sua morte, êle teve, no vaticínio de Rui, a acuidade mental que descortinou a excelência de seu talento fulgurante, não lhe faltou também, na palavra de Alcindo Guanabara, quem lhe fizesse justiça ao patriotismo da produção artística: «Machado de Assis, dizia Guanabara na Câmara dos Deputados, sintetisa completa e admiravelmente o nosso grau de cultura mental. Êle é o chefe incontestado de nossa literatura. Direi mais: êle parece a expressão única da literatura brasileira, sob êste aspecto, da nacionalidade — palmeira solitária, no meio do oásis! Ninguém como êle afirmou, na obra literária, a sua individualidade e a nossa nacionalidade. Antes dêle, contemporaneamente com êle, Gonçalves Dias e José de Alencar, de quem, aliás, êle mesmo dizia que encarnou, como ninguém, a alma brasileira, — falavam do Brasil, mas do Brasil que nós não conhecemos, de um Brasil pré-histórico, do Brasil dos selvagens romantizados e poetizados que é, para nós outros, quasi um Brasil de ficção. Machado de Assis disse de sua gente, de seu tempo e de seu meio. O seu campo de atividade foi a sociedade em que vivemos. (\*)

Não se trata de mera interpretação laudatória, improvisada na tribuna parlamentar, sem raizes ou vinculação real, com os rumos da obra machadiana. Houve, da parte do escritor, uma brasilidade intencional, cristalina e sincera, na orientação de sua linguagem literária e na com-

posição de seus temas. Fundador da Academia Brasileira de Letras, ao lado de Lucio de Mendonça e Joaquim Nabuco, a escolha da personalidade de José de Alencar para patrono de sua cadeira, traduziu a veneração de Machado de Assis pelo fecundo romancista cearense e no discurso que proferiu por ocasião da inauguração da estatua do autor de «O Guarani», no Rio de Janeiro, disse de Alencar o que era exatamente a expressão característica de sua prosa: «Nunca escritor algum teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado de assuntos nossos. Há um modo de ver e sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face exterior das coisas...»

Nessa frase está a defesa eloquente de Machado de Assis quanto ao estupendo sentido de seu incontestavel nacionalismo. Com êle se afirmou a independência brasileira naquilo que mais importa à autonomia espiritual de um povo: a do veícu'o próprio, característico, singular, inconfundível, através do qual a alma nacional se realiza, na plenitude de sua força criadora.

Ainda que aceitássemos como provado, apenas para argumentar que Machado de Assis não participou, diretamente, como escritor, dos movimentos cívicos de sua época, forçoso nos seria contudo reconhecer que êle se applicou, durante a sua vida, em limar, polir, compor, ajustar o instrumento da linguagem brasileira, o qual, sem fugir ao gênio da lingua, sem romper com as regras fundamentais da lingua portuguesa, libertou o pensamento nacional das formas de expressão que o submetiam

ancilamente ao linguajar de um outro povo, já distanciado do Brasil em tudo, inclusive na estrutura e na composição do próprio tecido social. Com Machado de Assis a revolução literária iniciada por Gonçalves Dias e José de Alencar, êste muito mais vigoroso e radical que aquêle, a fim de promover a emancipação de nossas letras, conferindo-lhe vestimenta dialetal original e adequada, que favoreça e não deforme a comunhão das ideias, com Machado de Assis o movimento renovador encontra a sua forma definitiva, perfeita e acabada. A nação achou-se a si mesma, na modulação idiomática que daria à sua personalidade política, através da linguagem familiar o traço mais cáldido de sua espontaneidade, o que vale dizer, de sua rutura com o passado colonial, na afirmação de uma civilização própria, sedutora e revolucionária, tão rica de imprevistos e de cambiantes, como o magnífico e deslumbrante cenário de seu beço.

Mas, a contribuição cívica de Machado de Assis não se limitou à elaboração de uma poderosa corrente nacionalista em nossas letras. A sociedade brasileira foi o tema exclusivo de seus trabalhos. A exemplo de Alencar, que sob a roupagem romântica entesourou em suas obras — *Senhora, Diva, O Tronco do Ipê, Cinco Minutos, A Viuvinha*, — a vida social brasileira, da aristocracia rural e urbana do tempo, — Machado de Assis, evoluindo com as escolas, mas sem prender-se servilmente a nenhuma delas, reproduziu tôda a paisagem histórico-social do Brasil de sua época, informando como os episódios históricos eram vistos nos lares das pessoas comuns do

povo, o tom de frívola ostentação que se aninhava na raiz de certos dramas políticos, os preconceitos, as dores, as esperanças, as alegrias, os entusiasmos, os desalentos, as lutas de um povo que espiritual e materialmente se realizava, — tudo sublinhado por uma ironia graciosa e expressiva, a que faltava a virulência das «Farpas», pois a filosofia de Machado «não tinha o sarcasmo dissolvente, mas um doce e benévolo ceticismo».

Como muito bem acentuou Alcindo Guanabara, no formoso e rápido discurso a que temos aludido, «a sua atividade literária teve sempre reflexos na atividade social. Ele era um calmo, um retraído, um tímido, e, não obstante, foi considerável e intensa a sua influência sobre as classes cultas da sociedade. De fato, basta percorrer as obras que deixou, para se sentir que nenhum fenômeno social se produziu sem que para êle o artista houvesse contribuído, direta ou indiretamente, ativa ou passivamente, na crônica ou no romance: ativamente, pela propaganda esboçada nos seus personagens; passivamente, pela crítica irônica, que lhe era peculiar». Em *Helena, Iaiá Garcia, Memórias Póstumas de Braz Cubas, Dom Casmurro, Quincas Borba, Esaú e Jacó, Memorial de Aires, Contos Sem Data*, etc., desfila a sociedade brasileira da segunda metade do século passado e dos primeiros tempos republicanos, tratada com mão de mestre pelo fino ironista e psicólogo, e com tanto mais atuação social eis que os seus romances, avidamente lidos pelo grande público, eram primeiramente divulgados em folhetins

pela imprensa carioca, antes de tomar a forma bibliográfica.

A esta altura de nossa palestra, já uma pergunta se impõe: não teria mesmo Machado de Assis tratado, de modo mais direto, um tema nacional, um tema histórico, onde o seu patriotismo se manifestasse de maneira menos velada, menos discreta e impessoal? — Sim, afirma com a autoridade que lhe reconhece o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo o nosso eloqüente e erudito orador oficial, prof. Almeida Magalhães. Machado de Assis, pelas colunas da imprensa carioca, notadamente de sua secção A Semana, alista-se galhardamente entre os patriotas que reivindicavam a reabilitação de Tiradentes, o culto do Brasil ao proto-martir de sua independência. Não se justificava, em verdade, que o heróico sacrificado de Vila Rica, que tão brava e estôicamente se oferecera em holocausto à liberação da colônia, continuasse esquecido das páginas da História do Brasil.

Tomemos uma de suas crônicas sôbre a Conjuração Mineira e façamos um confronto com o verbo mais inflamado de nossos tribunos, o príncipe de nossos oradores, Rui Barbosa.

«O primeiro dêsses santos, dizia Rui na sua memorável conferência da Bahia, aos 26 de maio de 1897, quando em excursão pela terra natal, — o primeiro dêsses santos, o arquétipo dêles, expirou no Gólgota; e do terror à violência, envolvida no qual o madeiro sublime alonga através da história a imensidade melancólica de sua sombra, cada era, cada geração, cada povo exprime o

sentimento sempre vivo na santificação dos que êles viram agonizar por ti, ó liberdade, em cuja desdencência de mártires não és o último, ó Tiradentes!

Da fôrça, onde padeceste morte infamante reservada aos malfeitores, baixou à tua Pátria o sonho republicano, que outras gerações tinham de ver consumado. Teu suplicio é um dos crimes da perseguição fatais aos perseguidores. A posteridade enflorou o teu cadafalso em altar; porque o vilipêndio da expiação, que te imolou, fez da tua memória divinizada a padroeira nacional do direito. Supliciado por uma ideia, deixaste de emblemar a figura especial dela. para te converteres em símbolo universal da inviolabilidade da opinião humana. Morto pela República, ó Tiradentes, és a lição imortal, dada à República, da aversão ao sangue e à intolerância; és, perante a República, o advogado geral contra a vingança e a opressão. Vítima do terror, passaste à posteridade como a condenação de todos os terrores. Tua história não afina com os cantos da guerra cruenta, mas com as immaculadas aspirações da liberdade, que florescem na paz. Se se erigisse um templo à justiça, onde os tribunais se abrigassem da política, na frontaria dêsse temp'o, ó Tiradentes seria o lugar para o teu nome».

Ouçamos agora Machado de Assis, escrevendo, é certo, sem o tom oratório do grande Rui, mas nem por isso menos ardente no fôgo de seu arrebatado civismo:

«Tivemos esta semana o centenário do grande mártir. A prisão do heróico alferes é das que devem ser

comemoradas por todos os filhos d'êste país, se há neles patriotismo, ou se êsse patriotismo é outra coisa mais que um simples motivo de palavras grossas e rotundas.

O instinto popular, de acôrdo com o exame da razão, fez da figura do alferes Xavier o principal dos inconfidentes, e colocou os seus parceiros a meia razão de glória. Merecem, de certo, a nossa estima aquêles outros; eram patriotas.

Mas o que se ofereceu a carregar as penas de Israel, o que chorou de alegria quando viu comutada a pena de morte de seus companheiros, pena que só ia ser executada nele, o enforcado o esquartejado, o decapitado, êsse tem de receber o prêmio na proporção do martírio, e ganhar por todos, visto que padeceu por todos. A distribuição é justa. Os outros têm ainda um belo papel; formam, em tórno de Tiradentes, um côro igual ao das Oceanides, diante de Prometeu encadeado.

Relêde Esquilo, amigo leitor. Escutai a lingua das ninfas compassivas, escutai os gritos terríveis, quando o grande titão é envolvido na conflagração geral das coisas.

Mas, principalmente, ouvi as palavras de Prometeu narrando os seus crimes às ninfas amadas: Dei o fôgo aos homens; êsse mestre lhes ensinou tôdas as artes.

Assim foi o que fez Tiradentes».

Nessa deliciosa imagem tão eloquente e tão bela, Machado de Assis desencadeia um turbilhão de vibrações cívicas, dando a medida da gran-

desa do herói. Tôda a glória de Tiradentes, o sementeiro inegualavel, que fecundou com o sangue de seu martírio a ideia generosa da liberdade republicana, faisca lucilante numa simples e fabulosa frase: Assim foi o que fez Tiradentes!

Ai está, documentada numa pequena crônica, apanhada ao acaso entre centenas de outras, a demonstração irrecusavel de como o primoroso escritor, muito embora se houvesse refugiado nas letras, para nos legar as obras imortais que produziu, — não faltou ao Brasil nos lances decisivos de suas campanhas cívicas, mas soube irradiar, de sua pena privilegiada, com a propriedade inimitavel de seu estilo, a clarinada cívica, alertadora dos patriotas para o cumprimento do dever. O homem de letras, sóbrio, austero, culto, imaginoso e brilhante, vai aos anais da História Americana, não para colher os europeus com que se fantaziavam de estrangeiros os capitulos da formação nacional, mas para avivar no coração dos seus contemporâneos os fastos gloriosos que alicerçam a sua brasilidade e dão ao nosso país uma das personalidades políticas mais exuberantes, que transcende as cartas-régias, os alvarás, as ordenações do reino, porque está imantada do sentimento nativista que irrompe do fundo da história, do trabalho e do idealismo de nossos antepassados, mártires da independência com Tiradentes e Felipe dos Santos, realizadores do grande sonho com José Bonifácio e o Padre Feijó, fundadores da democracia e da república com Deodoro, Prudente e Benjamim Constant!

Machado de Assis, escritor, romancista, poeta, contista, — surge-nos assim, no campo iluminado das letras históricas, tão eloqüente, tão digno, tão útil, encarnando na sua festejada atividade jornalística a sã doutrina da educação pelo ensinamento cívico, e de tal sorte, que o patriota e o literato se equiparam nessa admirável consagração de uma existência inteira, à obra missioneira da elevação cultural e cívica de sua gente.

\* \* \*

Nascido de pais modestísimos, no Rio de Janeiro, no Morro do Livramento, filho de um pintor de paredes e de uma pobre lavadeira, Machado viveu a sua infância junto dos meninos pobres da Saúde e da Gamboa, galgando o caminho da glória com inusitado valor, pois teve de conquistar um lugar ao só vencendo a penúria, a orfandade, o precon-

ceito social, a doença, todo um conjunto de adversidades físicas e morais que o converteram num introvertido, num espírito avêso a debates e contravérsias. Deserdado da sorte, com tôdas as injustiças sociais semeadas no seu caminho, êle não se deixou vencer pela mal-dade, e foi uma alma de escol, mergulhada em oceanos de ternura que a sua clássica ironia não conseguia esconder inteiramente.

Era, como disse um de seus melhores biógrafos e amigos, — um coração de ouro palpitando num espirito de cristal. Premiou-o a vida com uma companheira dulcíssima, que o animou na atividade literária, e junto da qual viveu, durante os trinta e cinco anos de sua serena vida matrimonial, um romântico e permanente noivado. Tudo se resumiu, para êle, nas suas obras e na sua Carolina, inspiradora de poesias enternecedoras como esta:

.....  
«Pelas ondas do tempo arrebatados  
até a morte iremos;  
Soltos ao longo do baixel da vida  
os esquecidos remos;  
Firmes, entre o fragor da tempestade,  
Gozaremos o bem que o amor encerra,  
Passaremos assim do sol da terra,  
ao sol da eternidade».  
.....

Ou então aquêle suavíssimo soneto que a partida da sua bem amada fez brotar de sua pena delicada, num momento de profunda e inconsolável saudade, à visão melancólica do campo santo:



«Querida, ao pé do leito derradeiro em que descanças dessa longa vida, aqui venho e virei, pobre querida, trazer-te o coração do companheiro. Pulsa-lhe aquêlo afeto derradeiro, que, a despeito de tôda a humanidade lida, fez a nossa existência apeteçada e num recanto pôs o mundo inteiro».

Machado de Assis foi refratário ao culto religioso, embora tenha sido, na juventude, sacristão ou coroinha, segundo anotam seus biógrafos. Mas não poderemos deixar de reconhecer, como intensamente cristã e piedosa, a inspiração que insculpiu na literatura brasileira esta imagem de ouro, repassada de tanta religiosidade:

«A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações».

Rendamos a Machado de Assis a carinhosa homenagem do nosso culto. Exaltemos na sua obra, que os séculos haverão de respeitar, a própria grandesa do Brasil, que também nasceu como êle, pobre e deserdado, num mundo transbordante de milenárias civilizações, mas que veio, como êle, abrindo valorosamente o seu caminho, e se erguendo pelo seu próprio esforço, até se converter nesse país estupendo do mundo moderno, para o qual se voltam, anciosos, os sonhos e as esperanças de todos.

E para tributar ao glorioso romancista brasileiro as honras a que êle faz jus, tomemos, como fez Alcindo Guanabara, as suas próprias palavras, na formosa saudação que dirigiu a José de Alencar:

«Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar estas palavras melancólicas: A jandaia cantava ainda no ôlho do coqueiro, mas não repetia já o nome de Iracema. Tudo passa sôbre a terra. A filosofia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro e que ao contrário da que emudecera na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal cantor».

(\*\*)

Senhores, confiemos nesta palavra. Nem tudo passa sôbre a terra. A memória de Machado de Assis não passará. Permanecerá, como disse Guanabara, fiel e firme e brilhante, honrando, distinguindo e elevando o Brasil, o povo brasileiro, na imortalidade de sua glória e na beleza sem par da obra literária que realizou para o seu tempo, para o nosso tempo, para o tempo das gerações futuras.

\* \* \*

(\*) — Alcindo Guanabara —  
Discurso na Camara dos Deputados em sessão de 30 de setembro de 1908

(\*\*) — Machado de Assis —  
Inauguração da estatua de José de Alencar no Rio de Janeiro

# Velhas Reminiscências de Palmeira dos Índios

Major Olímpio de Oliveira Pimentel

TINHA eu oito anos de idade e era coroinha. Aos domingos, ao aprontar-me para a missa, minha mãe examinava a batina, o roquete rendado e de alvura impecável, prêso ao pescoço por vistoso laço de fita. Feita a inspeção e verificado o apuro, lá se ia o "padreco" todo compenetrado, enquanto ela ficava em casa, orgulhosa do seu rebento.

## CULPA DE UM ACIDENTE

Peço perdão ao indulgente leitor (caso haja quem leia esta mixórdia), por divagar com uma narrativa rançosa, sem nenhum sabor, mas que é para mim um pedaço do céu. Por causa de pequeno acidente ocorrido ontem, ao tomar uma condução de "areados" (bonde), fiquei quase arreado, pois sofri contusão na perna direita. O resultado foi, além de pisadura no perônio, uma forte depressão moral. Com tal estrouxamento e tomado de apatia, amanheci inclinado a rememorar os dias de infância, os mais ditosos de minha vida.

Ao fazer o escôrcço dêsse antediluviano pretérito, esforço-me por traduzir fielmente (em síntese, claro) fatos acontecidos em meu tempo de criança, relacionados com os vultos coevos que deram a minha meninice inesquecíveis momentos. Depois de longa ausência, quando tais acontecimentos pareciam

obnubilados na noite do tempo, volto o pensamento para a cidadezinha sertaneja encastoadá, qual pedra preciosa, nessa jóia que é o nordeste brasileiro. E reverencio, primeiro, a memória de minha mãe, por haver ela sabido cumprir os deveres maternos que lhe deu o criador.

## O PAR DE MEIAS

Recordo-me bem de seu capricho ao vestir-me no dia de ano novo. Certa vez ela me apresentou, como de costume, um fato novo, para vesti-lo em homenagem à grande data. Muito alegre e sótrego, pus-me a vestir, para ir à missa. Aconteceu, porém, o imprevisto: desaparecera, como por encanto, uma das meias novas que deveriam completar a indumentária. Depois de exaustiva procura sem nenhum resultado, visivelmente desapontada, ela me deu um par de meias usado, uma vez que se aproximava a hora do ofício sagrado, e ordenou-me que tirasse a nova do pé. Nesse momento — que alegria! — com agradável surpresa, verifiquei haver calçado as duas meias num pé só.

Isso aconteceu há muito tempo em minha Palmeira dos Índios. Eu era aluno do curso primário que funcionava na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, padroeira da cidade, sob a direção do saudoso padre João Guimarães Lessa.

Em 1912, deixei aquilo tudo e, como ave de arribação, transportei-me para o Estado bandeirante, onde construí minha maloca e tenho permanecido até a data presente.

### LEMBRANÇA ARQUITETÔNICA

Agora, tenho que reportar-me a época anterior a minha vinda, quando aquela cidadezinha, situada nas adjacências do rio Coruripe, contava com pouco mais de oito mil habitantes. Cana de açúcar, algodão, mandioca, plantas oleaginosas e medicinais, assim como a pecuária, constituíam riqueza, propiciando comércio ativo e exuberante. Os edifícios mais importantes da cidade eram a Igreja Matriz de N. S. do Amparo e a de N. S. do Rosário, a Intendência Municipal e o chalé de José Tobias, o botitário. A, o chalé do Ze Martinelli da cidade. Outra casa que dava margem a comentários a do padre Lessa, pois seu aluguel era de es-corcha: 30\$000 mensais.

### EPIDEMIAS E LONGEVIDADE

E no meio daqueles edifícios, o povo se debatia em surtos epidêmicos periódicos de peste bubônica, febre amarela, varíola, tifo etc... Ressalta lembrar que, apesar dos pesares e da falta de médicos, de farmacêuticos e dentistas, morriam macróbios de mais de cem anos, como o "Peixinho", peque-

no bugre semi-selvagem, senhor de mais de 115 janeiros na giba, ao falecer. Para suprir a falta dos profissionais liberais, contava o burgo com a dedicação de vários e abnegados curiosos de boa vontade. O José de Freitas — sr. Freitas, como respeitosamente era chamado — era o barbeiro mais chique da cidade e, nas horas vagas, praticava odontologia, consertava relógios e marcava quadrilha em francês. Tudo sem prejuízo das funções de subdelegado de polícia, exercidas com dignidade, embora não fosse amigo das letras.

O Chico Ferro, cidadão pacato, corpulento e bem apessoado, era o "médico" operador do município. Fazia pequena cirurgia. Quando alguém levava um balázio, corria o "cirurgião" a operá-lo. Com pleno êxito, extraía a bala, ligava tendões, costurava a barriga do suplicante, que muitas vezes era salvo (quando não esticava a canela na mesa).

### COISAS DE TEATRO

Por êsse tempo, já havia um bem organizado grupo dramático, que representava excelentes peças. Recordo-me ainda de certos comediantes cujo valor artístico seria reconhecido mesmo hodiernamente: Levínio Moura (proprietário de móveis e de marcenaria), consagrado cênico, suspendia as plateias com seus trabalhos; Enéias Bar-

ros (o sacristão) foi cômico de mérito; meu mano Ascendino fazia papel de ingênua (na época era estranho as moças pisarem o palco). Num espetáculo, a imitação foi tão perfeita que sua beleza despertou ardente paixão em um agente comercial recém-chegado de Maceió. Findo o ato, ficou decepcionado ao defrontar-se, no camarim com um guapo e truncado rapaz, ao invés da "Venus" sonhada. Meu outro mano, Marçal, merece menção especial. Foi artista completo: no teatro, galã irresistível; na música, foi compositor e regente da Filarmônica Santa Cecília — a "furiosa" — onde eu mesmo desempenhei a singular função de porta-bandeira.

Na teatro da vida, o açude prestava inestimáveis serviços à população. Durante o estio prolongado, a éle recorriam indivíduos de tôdas as camadas sociais e de ambos os sexos, abastados ou não, em busca do precioso líquido, quer para o banho refrescante da pele, quer para mitigar a sede dos animais

emaciados, vítimas da tortura e da inclemência do calor e da seca.

Muito haveria ainda que contar sobre "minha terra natal", mas quero poupá-lo, leitor amigo, desta estopada. Quando seu espírito estiver aliviado dêste, narrarei outro episódio da vida nordestina, relacionado com os idos de minha juventude; aí me referirei ao gibão, ao chapéu-de-couro, às alpercata; ao carro de boi, de um lado; ao xique-xique, ao mandacaru, à favela e ao cansaço, de outro.

O diabo da canelada de ontem deu-me imobilidade, depressão, reminiscências e, no recolhimento, na solidão, senti saudade do sabor e da doçura dos frutos sazonados, quando apanhados ao pé da árvore; do perfume das flôres de matizes variados, quando abriam os seus cálices, suas corolas e suas pétalas, em saudação às manhãs primaveris. Se recordar é viver de novo, eu te bendigo o canelada mística, por me teres reconduzido aos dias despreocupados de minha infância vividos na princesa do sertão alagoano.



## ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

AMIDO DE MILHO

# MAIZENA

MARCA REGISTRADA



# Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas “de emergência”; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma “fumadinha” durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

---

**A IMPRUDÊNCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !**

---

Contribuição de «MILITIA».

# Leite a vontade

ESCREVE

*Sgt. Antonio Ramos*

A ordem era para que fôssemos todos ao salão de conferências do C.F.A.; tôda as turmas do C.P. e do C.F.O. (\*) se iriam reunir dentro de poucos instantes, para ouvir a palavra do major diretor de ensino. Que haveria? Conferência? Não o sabíamos. O certo é que era uma ordem e tínhamos de cumprí-la.

Lá fomos nós ao salão de conferências. O salão em poucos minutos ficou repleto de alunos e em seguida o major D.E., naquele tom paternal que o caracterizava, principiou a falar. Tratava-se de um officio que o Comandante recebera da Cruz Azul de São Paulo, fazendo sentir a carência de sangue por que passava aquêlo nosocômio e consequente necessidade para as famílias dos nossos companheiros que ali se internam.

Após expôr-nos minuciosamente aquela contingência, passou a falar sôbre os requisitos que os doadores deviam preencher; explicou ser balela a assertiva segundo a qual a pessoa que doa sangue uma vez tem de fazê-lo periódicamente, como acontece com os animais roedores, que têm sempre de estar roendo algo, e terminou lançando apêlo, em nome da Cruz Azul, para que os alunos que estivessem em condições fizessem doação. Não deixou de citar que o sangue que é retirado do organismo deve ser substituído por um líquido, de preferência leite, e que os alunos doadores, após a sangria, poderiam tomar leite a vontade.

A idéia do leite a vontade despertou-nos grande desejo de atender àquela solicitação do hospital que se dedica aos nossos familiares, pois, às refeições, a quantidade de leite era estipulada taxativamente: um copo! Receberíamos um elogio e... leite a vontade!

Fomos doar, ou seja, a Cruz Azul foi ao C.F.A., para receber o sangue dos alunos. E éramos em grande número.

Terminada a sangria, dirigimo-nos ao Rancho, no afã de fartarmo-nos de leite e, quiçá, algo mais.

Chegada a hora do frugal lanche, um dos alunos após ingerir gulosamente o leite que lhe foi servido, foi logo dizendo ao garção do Rancho:

— Mais um, repita!

— Não pode, é ordem do chefe do Rancho... um copo só...

— Mas o Sr. Major disse que tomaríamos leite a vontade...

— A ordem que eu recebi é de dar somente um copo.

Pois bem, lá se foi o aluno a reclamar ao chefe do Rancho, o qual manteve a intransigência do garção: «Era ordem do Comandante».

E o aluno, não se conformando com esse flagrante desrespeito à palavra do major D.E., a êle dirigiu-se e, após apresentar-se regularmente, disse: Sr. Major, o senhor disse que era para tomarmos leite a vontade... Lá no refeitório deram um copo... O chefe do Rancho diz que a ordem é para não dar mais de um... Diz que é ordem do Sr. Comandante...

E o major, após pensar um pouco na situação criada, para a qual não havia, de pronto, uma solução, e entre negar a ordem do Comandante e desdizer o que dissera, diz, numa saída que só é dada a quem é afeito à carreira das leis:

— Eu não disse que era para tomar quanto leite quisesse. Disse, sim, que era para tomar leite a vontade, mas parece estar havendo má interpretação das minhas palavras...

— ?!...

— ... Disse que era para tomar leite a vontade, isto, é, não era precis tomá-lo na posição de sentido, nem na posição de descansar regulamentar, mas, a vontade...

---

\*) C.F.A.: Centro de Formação e Aperfeiçoamento, unidade da Fôrça Pública. C.P.: Curso Preparatório da Escola de Oficiais. C.F.O.: Curso de Formação de Oficiais. (N. da R.)

## CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

D  
O  
R  
E  
S  
D  
O  
M  
U  
N  
D  
O

Já eram altas horas de uma noite triste, insípida, brumosa e fria, quando Crisóstomo, absorto na leitura de um dos terríveis livros do pessimista Artur Schopenhauer, ouviu o relógio bater duas sonoras badaladas. Levantou morosamente a cabeça intoxicada por tão profunda honestidade de pensamentos; fechou o volume cujo título era "Dores do Mundo". Levantou-se, vestiu o paletó, cobriu-se com uma velha capa de chuva enquanto caminhava para fora de seu quarto rumo às ruas da cidade, pois o estômago pedia algo para digerir. Ao relento, sob a abóbada celeste negra como um quarto de velório, a garoa caía vagarosamente enquanto êle, de cabeça baixa, caminhava com lentidão, procurando algum bar onde pudesse encontrar alguma gulodice a fim de acalmar o seu devorador apetite. Caminhava

DE  
J. Correa da Silva

êle profundamente concentrado em seus próprios pensamentos pois a leitura do livro do célebre filósofo alemão muito o im-

pressionara. Seria realmente a vida tão cruel quanto Schopenhauer a pintara em seu famoso livro — "Dores do Mundo"? Seria ela uma verdade negra, tendo somente a dor como companhia eterna? A dúvida para êle era cruel porque ainda jovem e sem concepção alguma formada, absorvendo tôda a qualquer obra literária que caísse em suas mãos, gerava uma contusão esquisita em seu conturbado cérebro que o obrigava, várias vêzes, a interromper sua leitura e sair pelas ruas a fim de, na observação real da vida, junto à complexa massa humana, tirar suas próprias conclusões para depois lançar-se novamente à leitura interrompida. Em consequência dos fatos atrás narrados e mais a fome que o assaltava, Crisóstomo achava-se em plena rua, meditando consigo mesmo, tentando compreender alguma coisa sobre êste milenar mistério que se chama "Vida". Na sua idade, a curiosidade e a ansiedade de formar um pensamento que fôsse verdadeiro, sem sofisma, sem ironia ou septicismo, seria sem dúvida um grande triunfo para a sua insaciável vontade em conseguir um pouco de luz onde não parrasse a incerteza ou dúvida. Nêste paradoxal estado mental momentâneo em que se achava submerso, defrontou-se êle com um destes mendigos que fazem de uma porta alcovã e de uma velha fôlha de jornal, uma cama. Parou instantaneamente e como que hipnotizado por um força estranha e inexplicável, aproximou-se vagarosamente daquêle rebotalho humano que ali jazia, completamente indiferente ao mundo terráqueo que o circundava, repousando calmamente sobre o chão gélido da calçada.



— *Voce não está sentindo frio com um tempo como éste?*

— *Frio? O senhor não sabe que Deus dá o frio conforme o cobertor?*

— *Sim. Não tinha pensado nisto. E fome, por acaso ela não o ataca?*

— *Bem, isto é outra cousa. Quanto sinto fome, não furto, peço, e assim alguém que não tem fome, mas já teve, sempre me dá.*

— *Você aparentemente é forte, poderia perfeitamente arranjar um trabalho qualquer com o qual ganharia o suficiente para pagar o aluguel de um quarto ou de uma casa para viver com mais confôrto.*

— *Para que trabalhar? Para que confôrto? O senhor não sabe que nós estamos neste mundo de passagem? Nesta vida nada representa a não ser a vaidade, o orgulho e outras futilidades que já tive mas não tenho mais. Nada tendo, vivo despreocupado pois não possuo nenhum tesouro terrestre para perder ou ser roubado. Pensando bem, meu amigo, o único que tem obrigação de carregar seus pertences nas costas é o caracol. Não acha? Como não sou caracol, não tenho obrigação alguma de carregar uma vivenda sobre as costas.*

*Olhe, moço! Já é tarde; é melhor o senhor ir andando, antes que fique resfriado com esta garoa, pois pretendo dormir um pouco.*

*Após éste estranho e providencial encontro Crisóstomo, esquecendo por completo a fome que o torturava, apressou os passos e rumou para o quarto, onde ao chegar, correu para a gaveta de uma mesa, tirou o caderno de anotações e escreveu "Só é feliz aquêle que nada possui".*



De Schopenhauer:

« O casamento é um laço que a natureza arma».

\*\*\*

« O mundo é um inferno e os homens se dividem em almas atormentadas e em diabos atormentadores».

# "DANÇAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS" E A CRÍTICA ESPECIALIZADA

**Prof. Paulo Henrique**

O estudo das tradições, usos, costumes e crenças, nascidas ou aceitas espontaneamente entre o povo, é mais ou menos recente no Brasil. A preocupação de conhecer o que o nosso homem do interior diz, pratica ou realiza habitualmente, como parte de sua vida, data de bem pouco tempo. Poucos foram os que se preocuparam em preservar as cerâmicas, as tecelagens de lã ou de algodão, os trançados de palha ou de bambu, as esculturas, as rezas e benzimentos, os "comens e bebes", a poesia, as lendas ou as danças de nossa gente. De geração para geração, intacto ou modificado, esse aglomerado de coisas foi sobrevivendo naturalmente, durante anos e anos, sem que ninguém se preocupasse em conservá-lo ou recolhê-lo.

Todos os ramos do conhecimento humano tiveram uma época áurea para o seu desenvolvimento. Parece-nos que o folclore está sendo agora ciência que se projeta, com interesse invulgar, em todo o mundo, não fazendo exceção do Brasil. Os versos de nossos repentistas, as cantigas de roda, as festas do "Divino", os candomblés da Bahia, os maracatus do nordeste, as cavalhadas, os rodeios, o linguajar pitoresco das várias regiões brasileiras, a nossa música popular, estão sendo estudados carinhosamente, sob diversos aspectos. Apenas as nossas danças, embora mencionadas e relatadas em seu aspecto geral, ainda não foram apreciadas minuciosamente em seus passos e na sua coreografia, de modo a permitir sua execução por quem não a conheça de perto.

Esse trabalho de descrição pormenorizada, pondo-nos a par de cada passo, de cada movimento, da coreografia, das indumentárias e instrumentos utilizados em várias danças do norte, centro e sul do país, foi feito por Maria Amália Corrêa Goffoni, professora da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo e técnica em educação da Prefeitura da capital paulista, no seu alentado livro "Danças Folclóricas Brasileiras".

Embora não sejamos especializados no assunto, podemos afirmar que o valor do volume em apreço é tão real que sua autora foi convidada para integrar a Comissão Paulista de Folclore. Para atestar o valor técnico da obra, vamos recorrer a folcloristas cujos nomes e obras são mundialmente conhecidos:

**Felix Coluccio** (Buenos Aires) — "Sinceramente la felicito por este magnífico esfuerzo, uno de los más grandes hechos en su patria sobre danzas folclóricas, y que le honra, sobremanera. a Ud. y al Brasil".

**Roger Bastide** (Paris) — "Achei muito útil todos os primeiros capítulos. Livro claro, pedagógico, bonito. E, com a segunda parte, um pouco do Brasil chegou até Paris, com sua música, seus passos, seus cantos sacros".

**Gastão de Bittencourt** (Lisboa) — "Belo trabalho, cujo grande valor pedagógico e nacionalista muito aprecio".

**Carlos Vega** (Buenos Aires) — "Su importante libro "Danças Folclóricas Brasileiras" representa un gran esfuerzo, y

me parece evidente que rendirá mucho en la enseñanza escolar y como medio de consustanciación de los jóvenes con las bellas tradiciones de su país".

Entre os nossos mais destacados estudiosos de folclore, a obra foi também entusiásticamente recebida. Vejamos algumas opiniões nacionais:

**Câmara Cascudo** (Rio Grande do Norte) — Tõdas as minhas saudações ao esplêndido "Danças Folclóricas Brasileiras". O trabalho é tão mais meritório quanto, de forma simples e clara, leva este livro delicioso de inteligência, dedicação e esforço, a dança folclórica para a atualização escolar".

**Manuel Diéguez Junior** (Rio de Janeiro) — "Publicação de especial interesse para folcloristas musicais do país. A autora revela o conhecimento moderno de técnicas de ensino, com a utilização da música popular".

**Valter Spalding** (Rio Grande do Sul) — "Obra altamente cultural e patriótica. A ilustre e benemérita (por que não?) autora organizou trabalho digno sob to-

dos os aspectos e perfeitamente certo quanto às músicas e danças".

Como é um livro de grande interesse escolar e sobretudo destinado às professoras de educação física, as quais dispõem de campo propício à divulgação das nossas danças, transcrevemos ainda a opinião de um dos líderes da fisicultura hodierna — Inezil Pena Marinho — da Universidade do Brasil: "Trabalho realmente primoroso, que muito honra a bibliografia nacional, quer pela apresentação gráfica, quer — e sobretudo — pelo conteúdo. "Danças Folclóricas Brasileiras" será por mim recomendado a quantos se interessem pelo estudo de tão agradável setor cultural".

Procuramos focalizar a crítica especializada, porque outros intelectuais já analisaram, por outros prismas e com calorosos aplausos, o trabalho de Maria Amália Corrêa Giffoni. Só nos resta dizer que a sistematização das danças folclóricas brasileiras, possibilitando maior expansão das mesmas, foi realizada de maneira brilhante, segundo opiniões abalizadas, por essa autora.

# APRENDA INGLÊS EM UM ANO! (BASIC ENGLISH)

## ESCOLA "GENERAL RONDON"

onde V. também poderá fazer curso de

- CHEFIA DE SECÇÃO DO PESSOAL
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- CUSTOS INDUSTRIAIS
- ALEMÃO (PRÁTICO)

Rua Voluntários da Pátria, 2319 - 2.º andar - S. Paulo

# VAMOS CONVERSAR SÔBRE ENERGIA ATÔMICA

## OS REATORES ATÔMICOS

Os reatores atômicos têm despertado em todo o mundo enorme interesse. No Brasil e particularmente em São Paulo, esse interesse aumentou por causa da instalação de nosso reator, na Cidade Universitária. Tínhamos a intenção de falar alguma coisa de específico sôbre o nosso reator, e para isso precisaríamos saber distinguir os diversos tipos existentes. Antes porém de poder classificá-los precisamos dizer algumas coisa, superficial que seja, sôbre o funcionamento dos reatores, para depois compreendermos razoavelmente a distinção entre cada tipo.

Assim, me perdoem, mas vamos mais uma vez, tratar de teoria, abordando da maneira mais breve possível, um pouquinho de física nuclear. A exposição será bastante superficial. A maior parte do que aqui vai foi extraída da revista «Science et Vie».

Já sabemos que o urânio é um metal muito denso e de radiatividade espontânea. Como todo elemento, o urânio é constituído de átomos que em seu núcleo possuem 92 prótons, 142, 143 ou 146 neutros e 92 elétrons, girando em torno do núcleo. Apesar da densidade do átomo de urânio, ele é extremamente pequeno, pois em uma grama deste metal que ocupa o volume de uma vigésima parte de um centímetro cúbico, há 3.000.000.000.000.000.000 átomos. Os núcleos são 10.000 vezes menores que os átomos em toda sua constituição complexa.

O chamado urânio natural é um composto reunindo os três isótopos do urânio, na seguinte proporção: U234 — 0,006%; U235 — 0,714%; U238 — 99,28%. Como se vê a predominância do U238 é quase total. Esse fato tem real importância, pois o combustível geralmente usado nos rea-

tores é o U-235, que entra na proporção de um átomo para 139 do U-238. Convém deixar claro, também, que o que distingue um isótopo do outro é o número de neutros, pois todo urânio tem o mesmo número de protos, isto é, 92, bem como 92 eletros. Possuem, então, pesos atômicos diversos, mas as mesmas propriedades químicas. O comportamento dos isótopos U-235, que é igual ao U-238 com relação às propriedades químicas, divergem muito quando um neutro, vindo do exterior, choca-se com seu núcleo. O U-235 parte-se quase que instantaneamente, em menos de um milionésimo de segundo, dividindo-se geralmente em duas partes, libertando enorme quantidade de energia (cêrca de 200 Mev) em forma de calor, raios gama e neutros com alta velocidade. Este fenômeno, essencialmente diverso da radioatividade natural, recebe o nome de fissão.

Os elementos resultantes da explosão do núcleo do U-235 pesam, todos somados, um pouco menos que o elemento inicial. É esta massa desaparecida que se transforma em energia. A fórmula que nos permite relacionar a transformação de massa em energia e vice-versa nos foi dada por Einstein e é a seguinte:  $E = M \times V^2$ , onde E = energia; M = massa e V = velocidade da luz.

Na fissão de um núcleo a energia aparece 4% em forma de irradiação emitida pela própria fissão; 16% proveniente de emissões radioativas dos fragmentos da fissão e o resto, isto é, 80%, é representada pela energia cinética dos fragmentos da fissão, que se chocando com os átomos vizinhos provocam calor pelo atrito. Este calor é aproveitado nos reatores para produzir trabalho.

Outra noção que precisa ficar clara é que a fissão é provocada pela captura de um neutro pelo núcleo do U-235 e que esta fissão provoca a emissão de novos neutros (em média 2,5 por fissão). Quando um desses neutros encontra outro núcleo de U-235 provoca nova fissão e produção de novos neutros. Esta continuidade de explosões é o que se chama uma reação em cadeia. Se cada fissão de átomo provoca mais do que uma outra fissão, teremos um aumento de fissões em progressão geométrica, que provocará uma explosão de grandes proporções. Se para cada fissão de um átomo houver menos do que uma nova fissão, teremos então uma progressão geométrica decrescente que extinguirá rapidamente a cadeia. Mas dentro de um bloco de urânio natural o U-235 está presente somente em pequena proporção (0,7%). A probabilidade que um neutro possuidor de gran-

de energia, proveniente de uma fissão tem de colidir precisamente com novo núcleo de U-235 é extremamente rara. Para que se possa estabelecer uma reação em cadeia, deve-se proporcionar condições mais favoráveis.

A primeira é purificar o urânio de todo material estranho, pois estes absorvem os neutros em grande facilidade. De outra parte o U-238 é não somente muito mais abundante que o U-235, mas em certas condições, se mostra muito ávido em observar os neutros, de tal modo que limita todas as possibilidades da manutenção da reação em cadeia. Quando os neutros são emitidos, depois de uma fissão, são possuidores de uma vitalidade muito elevada que aumenta a probabilidade de ser absorvido por um núcleo de U-238, formando o U-239. O núcleo desse novo elemento é radioativo, e emite uma partícula beta (um eletrão com carga negativa). Quando um núcleo emite uma partícula negativa, quer dizer que um neutro se transformou em proto (eletricidade positiva). Se aumentar o número de protos do Urânio ele se transforma em um novo elemento com 93 protos (o Neturônio). Este emite outra partícula beta e se transforma em Plutônio (94 protos). O Plutônio também serve para combustível dos reatores, pois se fissiona quando atingido por um neutro.

Se, entretanto, conseguirmos reduzir a energia dos neutros rápidos, tornando-os neutros de pouca energia (também chamados neutros lentos ou térmicos), eles dificilmente serão absorvidos pelo U-238, ficando em movimento no meio dos núcleos até encontrar um de U-235, que oferece facilidade de penetração, por possuir o que chamamos de energia de ressonância com os núcleos do U-235. Pode-se separar o U-235 do U-238, mas o processo é extremamente difícil e custoso. Somente quando há grande interesse, para atender a determinados tipos de reatores, segue-se este caminho, chegando-se a conseguir Urânio enriquecido até 90%, isto é, consegue-se elevar a porcentagem de U-235 até 90% do total.

Normalmente utiliza-se nos reatores Urânio levemente enriquecido (20%) e empregam-se processos de redução da energia inicial dos neutros, através de matérias que consigam diminuir-lhe a energia sem absorvê-la. Estas matérias não chamadas «moderadores».

Os corpos susceptíveis de serem empregados vantajosamente como moderadores são aqueles que não absorvem neu-

tros. Um corpo em movimento sofre maior perda de energia quando se choca com outro corpo da mesma massa. Quando o que se movimenta encontra outro de massa muito superior, ricocheteia sem perder quase nada de sua energia. Se, entretanto, a massa do que se movimenta for igual à daquele contra o qual se choca, a perda de energia é grande, pois transfere-a quase toda ao outro. Assim, para diminuir a energia dos neutros seria aconselhável que se usasse hidrogênio, que é formado de um proto( massa quase igual à dos neutros), mas o hidrogênio absorve os neutros formando o deutério (isótopo pesado do hidrogênio). Por isso em vez de se usar o hidrogênio, usa-se a famosa água pesada que é a água formada com isótopo pesado do hidrogênio — o deutério. A água pesada retarda a velocidade dos neutros sem absorvê-los. Mas, a produção de água pesada é muito cara, razão por que cogitou-se de outros elementos, os mais leves possíveis: hélio, lítio, berilo, boro, carbono. Somente o carbono, o 6.º na escala ascendente dos elementos, se mostrou capaz de retardar os neutros sem consumi-los. O grafite altamente purificado teve larga aceitação. Revelaram-se também bons moderadores o deutério, em forma de água pesada, o berilo extremamente purificado e a água comum. Esta última, para ser empregada como moderador, exige que o urânio combustível seja enriquecido pelo menos a 20%.

#### COMO FUNCIONA O REATOR

Praticamente um reator nuclear, com moderador a grafite é constituído das seguintes partes: Urânio natural ou óxido de urânio comprimido, em lâminas, minuciosamente purificado, encerrado dentro de placas de alumínio. Essas são colocados dentro de blocos de grafite. Os neutros rápidos, libertados pela fissão, atravessam facilmente as placas de alumínio e introduzem-se nos blocos de grafite. Chocam-se com os átomos de carbono, perdendo parte de sua energia e transformando-se em neutros lentos. Penetram em outras lâminas de urânio, onde, tendo dificuldade de se introduzirem no U-238, permanecem agitando-se até encontram um núcleo de U-235, provocando nova fissão. Os neutros de um reator não são evidentemente, todos utilizados para novas fissões, senão o reator explodiria. Um grande número é absorvido pelos diferentes materiais presentes ou escapa do reator. A medida dos neutros apresentados de geração para geração é o que se chama «fator de multiplicação». Quando este fator é igual a um, quer dizer que de geração para geração o número de neutros se mantém o mesmo e a

reação em cadeia é chamada «estacionária». Quando o escape para o exterior é muito grande pode-se utilizar um material refletor de neutros envolvendo o local onde a reação se dá. Este envoltório, agindo como um espelho, obriga a parte dos neutros a voltar para o interior do combustível.

O refletor ideal seria o berilo, mas como é de difícil produção, utiliza-se geralmente o grafite e algumas vezes o próprio urânio.

Desde que se dê ao reator dimensões suficientes e que se disponha de refletor de neutros, o fator de multiplicação se torna superior a um e a pilha passa a ser «divergente». As gerações de neutros se sucedem tão rapidamente que se o fator de multiplicação for 1,001, por exemplo, o número de fissões será multiplicado por 20 000 em 10 segundos, o que torna o controle muito difícil.

Felizmente os neutros produzidos em um reator são de duas espécies: os neutros «imediatos», os liberados no curso das fissões e que representam 99% do total; e os neutros «retardados», os liberados pelos fragmentos das fissões, com um atraso variável de até um minuto. A vida média dos primeiros, desde o momento em que são produzidos até que provoquem nova fissão, é da ordem de um milésimo de segundo. No total, a vida média de neutro, computando-se as duas espécies, fica reduzida a um décimo de segundo. Com um fator de multiplicação de 1,001 a progressão não aumenta mais do que 10% em 10 segundos, o que torna o controle possível.

Na prática, a regulação é feita por meio de barras móveis de cádmio ou de boraz (grandes captadores de neutros) que são introduzidas ou retiradas do caroço de reator. O comando das barras é feito automaticamente, por meio de aparelhos elétricos, ligados a câmara de ionização controladoras do fluxo de neutros.

A energia dos reatores apresenta-se em forma de calor e a temperatura se eleva. É necessário refrigerá-lo, primeiro por causa da conservação do material, depois para manter uma temperatura ótima para conservar a energia conveniente dos neutros térmicos.

Nos reatores que se utilizam de água como moderador, podemos nos servir dela para retirar as calorias geradoras, por meio de uma circulação apropriada. Nos demais a refrigeração pode ser feita a água simples, ar ou gás, que circulam em tubulações separadas. A potência de um rea-



tor está diretamente subordinada à eficiência do sistema de refrigeração. Além da proteção do material, este sistema transporta para fora do reator a energia produzida em forma de calor. É este calor que, nas mesmas condições das usinas termo-elétricas, acionam as turbinas das usinas átomo-elétricas. A única diferença entre estas duas usinas, está na maneira de produzir o calor, mas a produção de eletricidade é igual. Já conhecemos pessoas que tinham certo receio da eletricidade proveniente das usinas átomo-elétricas. Não há por que temer; é igual à eletricidade que nós utilizamos diariamente, provindas de fontes termo ou hidro-elétricas.

Um reator desenvolvendo 1000 KW equivale a 2 toneladas de rádio no que se refere a radioatividade. É necessário proteger-se contra as irradiações. Os raios alfa (núcleos de hélio, beta (eletros) e os outros, embora perniciosos ao organismo dos homens, animais e plantas, não oferecem muito perigo porque tem pequena penetração. O próprio ar é bastante para deter tais irradiações, desde que não nos aproximemos demais. O grande perigo dos reatores são as irradiações gama. A mesma origem dos raios X, mas muito mais muito mais energéticos. Por isso, são os reatores envolvidos por grossas camadas de cimento armado, o que dificulta sobretudo a construção de reatores de pequeno volume e pouco peso.

Também o material proveniente das fissões do urânio ou plutônio, permanece radioativo durante longo tempo, exigindo um cuidado especial no seu trato, principalmente quando do reabastecimento dos reatores. Aos resíduos dos reatores, o homem ainda não sabe bem que destino se lhes deve dar.



## Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO

# MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

# O PEIXINHO VERMELHO

Em formoso jardim havia um lago, onde gordos peixes se refestelavam em locais frescas, disputando larvas para a alimentação. Havia mesmo um vaidoso rei, ainda mais gordo e mais preguiçoso que os demais. No meio dêles vivia um exquisito peixinho vermelho, sempre magro por não conseguir disputar alimento aos maiores e ávidos companheiros.

Não tendo muitos afazeres, nem lugar de repouso demorado, poz-se a estudar tudo em redor, fez um levantamento dos ladrilhos, e acabou por descobrir a grade do escoadouro, para êle maior que a descoberta da América ou do Estreito de Magalhães, das quais nunca ouvira falar. Valeria a pena verificar a existência para além do poço onde vivera até então?

Decidiu-se pela aventura e fazendo força, perdeu algumas escamas ao atravessar a estreita passagem.

Que beleza! ao sabor da corrente conheceu as maravilhosas paisagens da beira do ribeirão; outros peixes simpáticos fizeram-se amigos ensinando-lhe a evitar os percalços da marcha e a conhecer os caminhos mais fáceis.

Sempre leve e agil, pois, dado o hábito, não perdia muito tempo procurando alimento, foi aumentando seus

conhecimentos sôbre as coisas daquele mundo estranho e insuspeitado para êle.

Chegou ao mar. Na ânsia de saber cada vez mais e fazer sempre amigos, achegou-se demais a uma baleia e foi tragado em meio da massa constituinte de sua refeição. Aflito, orou ao Deus dos Peixes e foi atendido; o monstro começou a soluçar e vomitou-o. Dai em diante, aprendeu a não ser afoito, a observar bem as coisas antes de se chegar.

Vivia agora num belo palácio de coral, com milhares de amigos, quando veio a saber que, sômente no mar, as criaturas aquáticas tinham plenas garantias, visto as águas dos lagos e rios poderem secar num verão mais inclemente.

Teve saudades daqueles com quem convivera na infância, resolveu se dedicar a salvação dêles, instruindo-os e avisando-os dos perigos.

Poz-se a caminho, subiu o rio, entrou no córrego, nadou pelo filete d'água, e chegou enfim ao ladrão de seu lago natal, que outrora lhe parecia tão imenso. Teve que esperar alguns dias, pois engordara um pouco apesar da canseira da viagem; enquanto isso, espiava através da grade e sonhava

como seria festivamente recebido e como lhe agradeceriam, admirados pelo aviso.

Entrou. Gritou que voltara para casa, e tinha muito para contar sobre suas aventuras; mas ninguém lhe deu importância, preocupados como estavam em procurar formas larvárias, e dormir nas umbrosas furnas sub-aquáticas.

Por fim, o rei sempre com mania de grandezas, resolveu ouvi-lo. Mandou reunir a comunidade e determinou que o peixinho vermelho falasse.

Entusiasmado, falou enfaticamente, que além da grade se desdobrava um mundo maravilhoso, onde havia alimento variado e abundante, onde não havia necessidade de charfundarem na lama. Verdade que a aventura tinha seu preço: necessário se fazia comerem menos para emagrecer e poder atravessar o raio de escoamento.

Gargalhadas coroaram-lhes as últimas palavras. Alguns oradores tomaram

a palavra, afirmando que o peixinho vermelho nunca fora muito certo da bola, que estava delirando; que qualquer vida além do lago era impossível, o peixinho queria era divertir-se a custa dêles. O lago (quem não sabia disso?) era o centro do Universo, o Deus dos Peixes tinha os olhos dirigidos para êles sômente. E o peixinho vermelho foi expulso a golpes de sarcasmo.

Algum tempo depois, a água fez-se quente e secou, fazendo a população de peixes perecer tôda afundada na lama.

Assim, também, muito peixe humano só enxerga o dia presente, só percebe a vantagem das locas momentaneas. Não pensa no que o rodeia, e procura avançar, de qualquer maneira, egoisticamente em todas as larvas que vê. Não acredita em coisa alguma além do poço, e nem mesmo se lembra da grade do escoadouro.

**JOVEM!**

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL  
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

**CURSO MILITIA**

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão  
ao Curso Pré-Militar apresentou  
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em  
cada classe, para melhor  
aproveitamento dos alunos

Informações: Telefone 32-2884

# D. JOÃO VI OPINA SÔBRE O LATIM

## DE MONTE ALVERNE

*Silvio de Almeida*

Todo mundo sabe o que aconteceu quando as hostes napoleônicas invadiram a velha pátria do grande Camões. D. João VI, então príncipe regente, (até a morte de D. Maria I — a louca), fugiu apressadamente para o Brasil. Fugir e salvar tudo quanto fôsse possível, do confisco do corso francês, era a única solução. E a história nos diz que, em 24 horas, estava tôda uma côrte opulenta em demanda das terras brasileiras.

Chegando ao Rio de Janeiro, a comitiva real foi recebida com as honras de estilo merecidas, sob o calor das manifestações de júbilo.

A crônica não é nada lisongeira. Existe, mesmo, farta documentação a respeito. Malévola, verrima, atesta que o monarca era molenga e letrado. Gordo. Obeso. Comilão emérito, devorava, diàriamente, dois frangos recheados no almoço e dois no jantar. E isto sem as exigências da etiqueta e das boas maneiras. D. Carlota Joaquina, sua esposa, não gostava do Brasil. Fêz, porém, do pacato Rio de Janeiro de então, o seu paraíso terrestre. Intrigou, tramou, pintou o sete, escandalizando reinós e nativos e, por fim, ao regressar finalmente à Europa, teve a petulância de, ao desembarcar em Portugal, tirar e jogar fora, lançando-os ao Tejo, os sapatos com que viera do Brasil.

“Não queria pisar em terra de brancos com sapatos que vinham da terra de negros”. E disse mais: “vou ficar cega quando chegar a Lisboa! Pudera! Vivi treze anos no escuro, só vendo negros...”

Muitos anos depois, em 1889, seu neto agiria de forma inteiramente diversa.

D. Carlota não quis nem um resquício da nossa terra em seus reaes sapatos; D. Pedro II levou uma pequena porção de terra brasileira para a Europa pois, após a sua morte, haveria de servir-lhe de travesseiro... Grande homem!

D. João, apesar dos pesares, era um rei generoso.

Gostava de ouvir Monte Alverne, o mulato fluminense, a patativa mais canora do púlpito brasileiro naqueles áureos tempos.

Câmara Bitencourt é quem no-lo conta: “nos seus sermões tudo era espantoso, a audácia das imagens e o sublime da linguagem”.

Monte Alverne era vaidoso. D. João ouvia os seus sermões religiosamente.

Num dêsses célebres sermões, o franciscano não quis abusar das frases latinas. Ao descer do púlpito, como de costume, foi beijar a mão do monarca.

O frade, esperto como era, notou logo que o rei não gostara da prédica e arriscou:

V. M. parece...

— É isso mesmo, não gostei do sermão de hoje.

— Não gostou? — e não podendo refrear o orgulho ofendido, exclamou audacioso:

— Neste caso tomo a liberdade de perguntar a V.M. por quê?...

— Porque teve pouco latim, — disse D. João.

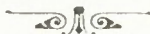
E o “sumo filósofo” pèrfidamente:

— V.M. sabe latim?

O rei, numa estrondosa gargalhada, tossindo, engasgado, assoando-se estrepitosamente disse, com singeleza de parvo:

— Ora, si eu soubesse não tinha graça! Do que mais gosto é, precisamente, daquilo que não entendo...

Depois, sério, numa tirada filosófica: — Não sei porque, mas o latim, na sua bôca, repercute nas obóbadas do templo com uma certa sonoridade... Agrada aos que, como eu, não entendem...



SE VOCÊ TEM *INCLINAÇÃO*  
E DESEJA ASSEGURAR O SEU FUTURO  
APRENDA DESENHO

**INSTITUTO TÉCNICO OBERG**

(NÚCLEO DE ENSINO PROFISSIONAL LIVRE)

RIO - S. PAULO - NITERÓI - B. HORIZONTE - P. ALEGRE

**CURSOS DE DESENHO**

**ARQUITETÔNICO - DEC. INTERIORES  
PROPAGANDA - MÁQUINAS  
AQUARELA - CARTAZES - MODAS**

NOSSOS MÉTODOS DE ENSINO, CONCENTRANDO-SE NOS PONTOS MAIS IMPORTANTES E ELIMINANDO O SUPÉRFLUO, FARÃO DE VOCÊ EM APENAS 10 MESES, UM PROFISSIONAL COMPETENTE, CAPAZ DE ELEVADOS SALÁRIOS

AULAS DIURNAS E NOTURNAS

— : —

MATRÍCULAS EM QUALQUER ÉPOCA

AV RANGEL PESTANA, 2163  
1.º ANDAR - SALAS 12 e 13 — BRÁS

RUA 24 DE MAIO, 104  
6.º ANDAR — SÃO PAULO

Em dias do mês de setembro último, ou melhor, numa noite tempestuosa do mês de setembro, audacioso assaltante adentrou o prédio da Caixa Beneficente da Força Pública, depois de arrombar uma porta dos fundos, e, munido de martelo e talhadeira, atacou o cofre do tesoureiro da instituição. Chegou mesmo a inutilizar o segrêdo e deslocar uma boa parte da chapa metálica

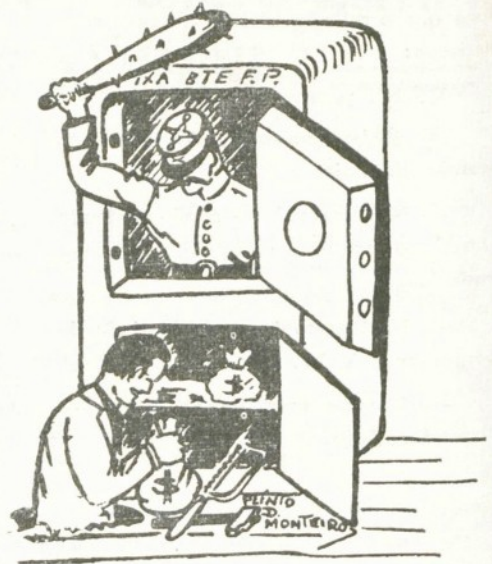
## NOVA ARMA

de um dos lados do precioso móvel. Atingida a parte do miolo, isto é, a parte de cimento armado, a ferramenta com que estava armado falhou e seus esforços foram impotentes para prosseguir no seu intento, ou o tempo de que dispunha foi insuficiente, com a chegada do dia. O fato é que o cofre, cuja marca deixo de citar — porque não estou autorizado a entrar na terreno da publicidade da revista — não foi aberto. Era e é um cofre de boa qualidade.

O ladrão, como vemos, foi mal sucedido. Ainda que conseguisse ir adiante sofreria grande decepção: o dinheiro ali depositado não cobriria o risco que havia corrido, nem o trabalho despendido. Acharia apenas alguns milhares de cruzeiros que não daria sequer para uma regular ceia de Natal. Decepcionado com a minguarda colheita o malandro diria com seus botões: — Ora bolas!. Hoje é véspera do pagamento das viúvas e o cofre deveria estar cheio. Fui roubado, E teria razão. O tesoureiro havia feito retirada nos bancos, mas o grosso da bolada estava protegida na casa forte da instituição a salvo de qualquer atentado.

Esse fato fez-me lembrar outro, o corrido aí pelo ano de ... o ano não vem ao caso. O que é importante é que o fato ocorreu há mais ou menos trinta anos e a vítima ainda foi a Caixa Beneficente.

Naquele tempo, em uma noite tempestuosa e também véspera de pagamento das viúvas, audacioso assaltante penetrou nos porões do prédio da instituição, sediado na av. Tiradentes, fêz no assoalho um buraco, que por sorte coincidiu com o fundo do cofre, e arrom-



bou-o em seguida, apossando-se de perto de noventa contos deréis, importância apreciável na época, considerando-se que com pouco mais eram pagas as pensionistas, coisa que hoje só se faz com mais de seis milhões de cruzeiros.

Daquela vez o ladrão estava com sorte. Atacou a parte mais fraca, a inferior e no depósito de documentos da burra encontrou a bolada ali deixada descuriosamente pelo tesoureiro.

Foram procedidos inquérito policial e sindicância militar, que nada apuraram. O tesoureiro exonerou-se e tudo ficou por aí. Ficou por aí, não. Do fato em questão resultou mais uma atribuição para a guarda: o soldado de sentinela, além, do fuzil, foi armado com uma vara de pouco mais de um metro e, a noite, de 15 em 15 minutos, devia entrar no prédio que guardava, atravessar a sala onde se achava o cofre e passar várias vezes a vara debaixo do cofre. Para que? — Perguntarão os leitores. Eu não sei. Calculo que era para evitar que a mão boba, como se diz hoje, novamente furasse o assoalho e o cofre, e avançasse no dinheiro das viúvas...

# Dois Poemas

## I — ... OU SOMBRA

*Ao longe, na estrada,  
Pousa cansada uma alma pura,  
Cabelos dourados, lábios rosados,  
Singela figura.*

*E eu, passo a passo,  
caminho na estrada.  
Lá bem distante a vejo sentada,  
respirando o ar puro da sombra da mata.*

*E quanto mais perto  
a vejo calada, sorrindo me olha  
sentada na estrada. Serás tu?  
Ou sombra dos contos de fada?*

*E fica na estrada a dourada figura,  
sentada na sombra  
respirando o ar puro.*

*E eu já distante sem olhar  
para trás, revivo os semblantes  
que não vejo mais.*

## II — A PÁTRIA

*Ó, berço pátrio!...  
Eu sinto da brisa o perfume de teus campos,  
Guardo em meu peito omorção de teus pântanos...*

*Fala o poeta do teu seio —  
Robusta pátria da amplidão dos mares!  
E a mocidade aplaude em doce canto, os teus anseios  
Que do eco as flores espalham pelos ares.*

DO SD. *Mário da Mata Resende*

# DATA

## MAGNA DA BAHIA

Para comemorar a data da restauração da Bahia, numerosas solenidades foram levadas a efeito, em princípios de julho do corrente ano, na capital da «boa terra». Delegações de vários Estados da União compareceram às comemorações. Representados a milícia paulista e nosso Clube dos Oficiais estiveram presentes o ten. cel. Olívio Franco Marcondes e o cap. Paulo Monte Serrat Filho.

Os oficiais visitantes tiveram oportunidade de observar, não só o entusiasmo das autoridades e do povo pela data magna da Bahia, mas muito do que lá se faz pelo progresso da terra brasileira. O cap. Paulo Monte Serrat Filho fez ampla cobertura dos acontecimentos, para MILITIA, transmitindo também suas impressões sobre os contrastes entre o novo e o velho, as construções coloniais e as modernas, a civilização que se renova entre igrejas centenárias. Assinalou ainda, e principalmente, o significado da riqueza que jorra da terra, com o ouro negro do Recôncavo.

Chamamos, portanto, a atenção do leitor para a reportagem adiante publicada. Na oportunidade, MILITIA congratula-se com o povo baiano, pela passagem de mais um aniversário da libertação definitiva do país, concretizada na terra de Castro Alves e Rui Barbosa.



# Da Bahia

ESCREVE O  
CAPITÃO MONTE SERRAT F.º

*Descrever os encantos da Bahia e do seu povo, demandaria, talvez, um número especial de Militia, pois êles, ultrapassam a tudo o que temos lido e ouvido dos que passaram pela Boa Terra. E quando se tem ainda a ventura de ser hospedado pelos camaradas daquela co-irmã, o calor da hospitalidade fraternal certamente contribui para que o forasteiro se afogue num mar de encantamento. De lá, saíram os visitantes verdadeiramente aturdidos. Aturdidos e maravilhados. Sem saber se mais impressionados com as conquistas da valorosa co-irmã, se com as deslumbrantes e paradisíacas paisagens que o recôncavo nos apresenta a cada passo, ou se com a grande riqueza consubstanciada no ouro negro que a Petrobás retira do sub-solo pátrio*

*As atenções dos nossos camaradas comandados pelo brilhante oficial do Exército Nacional, que é o cel. Mancel da Graça Lessa, levaram-nos a Madre de Deus, Candeias, D. João, e Mataripe, onde tivemos a ventura de ver jorrar do seio da terra o tão discutido petróleo brasileiro.*

*Estivemos ainda, no Forte Monte Serrat, nas praias da Amaralina, Itapuã, "na lagoa escura arrodada de areia branca", o Abaeté, onde os baianos, chefiados pelo seu empreendedor comandante geral, nos ofereceram substancial peixada, de saudosa memória. Visitamos as centenárias igrejas de Salvador, Bomfim, Sé, São Francisco, Nossa Senhora dos Navegantes! O seu peculiar mercado. A cidade baixa e a cidade alta. A Bahia colonial e os bairros modernos, Assistimos às comemorações cívicas do dia magno da Bahia, o 2 de Julho. Povo e autoridades saem à rua na mais impressionante procissão cívica que já presenciámos.*

*Voltamos da Bahia embevecidos com o que vimos, às carreiras, e com a sensação de que não a conhecemos suficientemente, não penetramos na alma do seu admirável povo, embora tivéssemos sido honrados com recepções nos lares de distintos colegas.*

*Como consólo, resta-nos a esperança de algum dia lá voltar, com mais tempo, para o completamento das caras emoções que, na Bahia, nos assaltaram o íntimo.*



O governador Antônio Balbino, ladeado pelo presidente do Clube dos Oficiais e a sra. Genival de Freitas.

Cap. Paulo Monte Serral Filho

## Expressivas Solenidades Realizadas na Bahia

**Inaugurações na capital — Colégio Estadual da P. M.  
— Primeira assembléia na sede própria**

Dentro dos festejos comemorativos da data magna baiana, o 2 de Julho — que em 1823 selou definitivamente a independência nacional, com a expulsão do território pátrio das últimas tropas da côrte — quis

a Polícia Militar da Bahia registrar, na sua longa história de feitos gloriosos, uma realização de inestimável valor social e cultural. Por isso, no dia 1.º de julho inaugurou três empreendimentos que atestam ex-



O cap. Monte Serrat, de São Paulo fala em nome das delegações.

\* \* \*

pressivamente o trabalho, a cultura, o espírito público, o culto ao passado, o entusiasmo cívico e a preocupação para com as futuras gerações milicianas que venham substituir a que, presentemente, com todos esses atributos, é responsável pelos destinos da milícia baiana.

#### COLÉGIO ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR

Começou a funcionar em princípios de 1957, provisoriamente na Escola de Formação de Oficiais. Hoje, conta com 119 alunos, distribuídos nas três primeiras séries, e com magnífico prédio, de linhas sóbrias e modernas, atendendo às exigências

da pedagogia mais avançada. Sua criação foi recebida com grandes manifestações de júbilo, não só pela família policial-militar como também pela sociedade civil, que passou a contar com mais um educandário de alto padrão de ensino. O novo estabelecimento de ensino médio tem a sua frente como diretor e comandante, o ten. cel. Manoel Cerqueira Cabral, oficial superior de elevado méritos intelectuais e profissionais.

As nove horas chegava à Vila Militar do Bonfim, o governador Antônio Balbino, acompanhado do comandante geral da corporação cel. Graça Lessa, e de altas autoridades federais, estaduais, municipais e religiosas. S. Excia. passou em revista a tropa formada, composta dos alunos da Escola de Oficiais do Colégio da Polícia Militar, das Escolas de Sargentos e Cabos e do Regimento 2 de Julho, tendo, em seguida, inaugurado o novo prédio do Colégio Estadual. Aos alunos dessa casa de ensino foram entregues pelo chefe do Executivo, a Bandeira Nacional e o estandarte do Colégio.

#### MONUMENTO DA VITÓRIA E DO SILÊNCIO

A segunda inauguração foi a do monumento da Vitória e do Silêncio, erigido em frente à Escola de Formação de Oficiais, em homenagem aos oficiais e praças mortos no cumprimento do dever, ao longo de mais de cem anos de existência gloriosa da nossa co-irmã baiana.

No pedestal do monumento, foram colocadas porções de terra do Estado de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, de Canudos e dos



O cap. José Lopes Modesto, orador oficial do Clube, agradece a homenagem das co-irmãs.

\* \* \*

municípios do nordeste da Bahia, onde se travou persistente e heróica luta contra o banditismo: Germoabo, Uauá, Queimadas, Razo do Catarina, Maranduba, Riacho do Touro, Massacará, Mirandela, Tanque Novo, Cajazeira, Peri-peri, Cabaceira e Fazenda Favela no município de Cajazeira.

Coroando a solenidade cívica, o governador do Estado assinou o decreto instituindo medalha comemo-

rativa dos feitos heróicos da Polícia Militar da Bahia.

### SEDE SOCIAL DO CLUBE DOS OFICIAIS

Terminada a solenidade em homenagem ao soldado anônimo da Polícia Militar da Bahia, encaminharam-se os presentes para a sede própria do Clube dos Oficiais, onde, sob a presidência do governador, realizou-se a sessão solene de inauguração e o ato da assinatura do decreto em que o Estado doou o terreno e a sede social ao Clube dos Oficiais. Nessa oportunidade, S. Excia. anunciou a doação de terreno e da respectiva verba para a construção da sede do Clube dos Sargentos, que funciona em prédio alugado.

Foi oferecido um coquetel às autoridades e convidados, ocasião em que usaram da palavra o major Genival de Freitas, presidente do Clube; o orador oficial da entidade, cap. José Lopes Modesto e o governador do Estado.

A noite, foi oferecido à sociedade baiana e às delegações visitantes, baile de gala, inaugural, da sede do Clube dos Oficiais. Num dos intervalos das contradanças, o cap. Paulo Monte Serrat Filho, designado pelos componentes das delegações visitantes, saudou a Bahia na pessoa do seu governador e ofereceu ao Clube dos Oficiais artístico bronze, simbolizando a vitória; vitória que os nossos companheiros da P.M. da Bahia conquistaram no dia 1.º de julho, com aquelas três monumentais inaugurações.

PRIMEIRA ASSEMBLEIA GERAL



O major Genival de Freitas recebe o Troféu oferecido pelas co-irmãs

\* \* \*

Sob a presidência do velho lida-  
dor e entusista das causas das Po-  
lícias Militares, cel. Kuhrim, reali-  
zou-se, no dia três de julho, a pri-  
meira assembléa geral na sede pró-  
pria da entidade, que congrega ofi-  
ciais da ativa, da reserva e reforma-  
dos da nossa co-irmã baiana. Reu-  
nião bastante concorrida e na qual  
se ventilaram tão somente assuntos  
ligados à substituição da obsoleta  
Lei Básica das Polícias Militares,  
transcorreu em ambiente de grande  
vibração cívica. Falaram vários  
oradores.

Nessa assembléa que, em face dos  
proveitosos resultados foi denomina-  
da pelos seus participantes de «Con-  
gressinho das Polícias Militares, na  
Bahia», decidiu-se transmitir a todos  
os Clubes de Oficiais das Polícias  
Militares, notícia pormenorizada das  
decisões tomadas na reunião.

### PRIMEIRO CONGRESSO DAS POLÍCIAS MILITARES

Durante o transcorrer da reu-  
nião, o major Edson Franklin de

Oliveira, — um dos componentes da  
cult a e combativa delegação baiana  
que participou do 1.º Congresso das  
Polícias Militares, levado a efeito pe-  
lo Clube dos Oficiais da Fôrça Pú-  
blica de São Paulo, em 1954 em  
Campos do Jordão, — passou pelos  
presentes a revista Militia de n.º  
54, de dezembro daquele ano, dedi-  
cada ao referido Congresso, zelosa-  
mente encardendada, pois constitui re-  
líquia para o seu possuidor. Um dos  
companheiros das delegações visi-  
tantes, escreveu, na sua fôlha de  
rôsto: «Esta revista encerra em suas  
páginas os mais caros ideais dos mi-  
licianos brasileiros, que em memo-  
rável Congresso reuniram-se em São  
Paulo, em 1954. É o marco inicial  
de uma jornada de lutas que nos  
conduzirá ao pleno exercício das fun-  
ções policiais nos Estados da Federa-  
ção, facultando-nos a prestação de  
maiores e melhores serviços ao povo  
que paga impostos para nos man-  
ter. Queremos servir melhor as po-  
pulações estaduais. Contra êste jus-  
to anseio, nada poderá constituir  
ostáculo à nossa marcha em busca  
de uma nova Lei Básica das Polícias  
Militares Brasileiras. A reunião que  
hoje realizamos na capital baiana,  
na sede do Clube dos Oficiais da  
centenária e gloriosa Polícia Militar  
da Bahia, é mais um grande passo  
na consecussão dos nossos objetivos,  
altamente patrióticos».

Estes pensamentos, por traduzi-  
rem o sentimento geral, foram subs-  
critos por todos os integrantes da  
assembléa.

# Centro Social dos Cabos e Soldados == em Taubaté ==

*Prof. Irnah Cardoso Malta*

A FÓRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, gloriosa organização militar fundada pelo saudoso brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, em 1831. pcr intermédio de suas unidades sediadas no interior paulista, vem prestando, com abnegação e desprendimento, nos diversos setores de atividade pública, relevantes e expressivos serviços para manutenção da ordem social e segurança da coletividade.

Nos louros de suas conquistas, a FÓRÇA PÚBLICA se engrandece no seio da sociedade bandeirante, fortalecendo o edifício grandioso de sua missão, cujos exemplos projetam no pedestal de nossa querida pátria, a essência do bem e o sentimento de solidariedade humana.

O 5.º B.C. dentro de sua impecável trajetória de conduta, vem proporcionando ao povo valeparaibano, preciosas colaborações, principalmente quando o desassossêgo social e agitação de grupos exigiu a presença dos mantenedores da ordem e da lei.

Assim, essa tradicional e histórica unidade foi escolhida para a inauguração da sucursal n.º 1 do CENTRO SOCIAL DOS CABOS E SOLDADOS, cujas solenidades, no último domingo de outubro, do ano em curso, constituíram brilhantes exemplos daquilo que um filólogo francês, com muita sabedoria, já afirmava: OS HOMENS SE ASSO-

CIAM PARA SE AJUDAR E NÃO PARA SE INCOMODAR.

Fundado em 12 de março de 1957 e oficializado pelo governador do Estado, o CENTRO SOCIAL DOS CABOS E SOLDADOS ofereceu, na data de sua inauguração, gratos festejos que bem demonstraram a camaradagem e a alta compreensão dos milicianos paulistas.

Logo de manhã, vários ônibus de São Paulo, Pindamonhagaba, Guaratinguetá e Cruzeiro chegaram ao Quartel do 5.º B.C., trazendo numerosos visitantes e familiares para os festejos de inauguração.

Num dos alojamentos, em local aredre preparado, às 7,30 horas, pelo soldado João Rodrigues, foi rezado o têrço, notando-se profunda devoção durante tôda a cerimônia, verdadeiramente simples e cheia de fé cristã.

Presentes, no decorrer das solenidades, o ten. cel. José de Abreu representante do cel. José João Batal, comandante geral da Fôrça Pública; cel. Paulo da Cruz comandante do Batalhão de Trânsito da capital; cel. Nabor Nogueira Santos, comandante do 5.ª B.C.; cap. Paulo Viana, sub-comandante; cap. José Gonçalves da Silva, cap. Hugô Viana e demais oficiais; 1.º Sgt. José Cardoso de Oliveira, representante do comandante da Escola

Técnica de Aeronáutica de Guaratinguetá; 1.º Sgt. Raimundo R. Dias, representante do comandante do II B.E., sediado em Pindamonhagaba; sr. João Dias de Abreu, representante do diretor da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, vereadores do Legislativo taubateano, autoridades dos municípios vizinhos e representantes da imprensa e do rádio locais e da capital do Estado.

As 9 horas, sob aplausos de numerosa assistência, foi realizada uma partida de vôlei entre as equipes do Colégio Estadual e Escola Normal de Cruzeiro e do 5.º B.C., vencendo por 2 tentos a zero os atletas da unidade taubateana.

Desenvolvendo-se o programa de festejos cívico-desportivos, teve início uma partida de futebol de salão, apresentando-se as equipes do CENTRO SOCIAL DOS CABOS E SOLDADOS e os estudantes de Cruzeiro, cabendo aos milicianos a brilhante conquista da segunda vitória.

Num ambiente de intensa satisfação, os visitantes, ao término das demonstrações esportivas, se dirigiram para um dos flancos do quartel, afim de saborear apetitosos churrascos e deliciosos refrigerantes, oferecidos pelos novos diretores do C.S.C.S. de Taubaté.

No período da tarde, às 15 horas, foi realizado grandioso encontro de futebol, no gramado do ESPORTE CLUBE "JAQUES FELIX", entre os quadros do CENTRO SOCIAL DOS CABOS E SOLDADOS do 5.º B.C. e o CACIQUE FUTEBOL CLUBE da capital paulista, sendo que a vitória, mais uma

vez coube à nossa unidade, que conquistou nas três modalidades de esporte, 3 belíssimos troféus.

As cerimônias programadas alcançaram o ponto máximo, às 20 horas, com a inauguração oficial da Secretaria do aparelho de televisão e da placa comemorativa da fundação da sucursal do C.S.C.S. do 5.º B.C.

Não obstante torrencial chuva, reunidos no amplo alojamento do quartel, autoridades civis e militares, senhoras e senhoritas, foi aberta a sessão solene pelo sd. Oirasil Werneck, do 1.º B.P., presidente do C.S.C.S., da capital, que passou a presidência dos trabalhos ao cel. José de Abreu, o qual agradeceu em nome do comandante geral da Força Pública e disse do contentamento pela iniciativa tão feliz dos cabos e soldados irmanados pela disciplina e pelos laços de fraternidade que sempre caracterizaram a classe da milícia paulista.

O orador seguinte foi o cel. Nabor Nogueira dos Santos, comandante do 5.º B.C., que também fez elogiosas referências à nobre instituição ora inaugurada, almejando aos diretores do C.S.C.S., em Taubaté, votos de feliz e profícua gestão no desempenho de suas grandiosas finalidades.

Na oportunidade, fizeram uso da palavra, respectivamente, o 1.º sgt. José Cardoso de Oliveira, representante do comandante da Escola Técnica de Aeronáutica, de Guaratinguetá; 1.º sgt. Raimundo Ribeiro Dias, representante do comandante do II B.E. de Pindamonhagaba; sra. Dalila Paiva, do Departamento Feminino do C.S.C.S. da capital — todos enaltecendo, apoiando e se confraternizando com os idealiza-

dores da n6vel associa73o militar que tem por finalidade pricipua, ajudar em caso de emerg4ncia os cabos, os soldados e seus familiares, sob o aspecto moral, econ6mico, social e cultural.

A Diretoria que dirigirá a sucursal em Taubat4, por dois anos est4 assim constituída: **PRESIDENTE** — cabo Gilberto Rodrigues da Silva; **VICE-PRESIDENTE** — Jair Mont-Serrat do Prado; **SECRET4RIO-BIBLIOTEC4RIO** — cabo Tarcísio de Paula; **AUXILIAR DO SECRET4RIO** — sd. Florival de Castro, 1.º **TESOUREIRO** — cabo Geraldo dos Santos; 2.º **TESOUREIRO** — sd. Juvenal Tavares;

**DIRETOR DE RELA736ES P6BLICAS** — cabo Flordázio Rodrigues dos Santos.

Encerrando as solenidades, falou por 6ltimo o cabo Gilberto Rodrigues da Silva, presidente empossado da 1.ª Sucursal do C.S.C.S., fundada no 5.º B.C., para agradecer a presen7a de todos e desejar aos visitantes votos de felicidades, momento em que prorrompeu calorosa salva de palmas, para logo em seguida iniciar-se o grandioso baile abrilhantado pelo Jazz do 5.º B.C., que se prolongou em meio de grande alegria, at4 às 2 horas da madrugada de segunda-feira.



**CONSUMIR  
PRODUTOS  
NACIONAIS**



**É UM DEVER DE PATRIOTISMO**

**É AJUDAR A LIBERTA736O  
ECON6MICA DO BRASIL**

**É CONTRIBUIR PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA  
NOSSA PRODU736O**



## Os Oficiais em funções de Delegado de Policia

**Adversários se unem para manter o tenente delegado —  
A farda é a melhor arma em defesa da tranquilidade pública**

*A DESPEITO de tôdas as polémicas, oficiais da Fôrça Pública vêm desempenhando a contento as funções de delegados em numerosas localidades do interior paulista. Agora, com a criação de novos municípios, mais delegados deverão ser nomeados e espera-se a designação de oficiais, por falta de delegados de carreira.*

A reportagem de MILITIA teve oportunidade de observar a atuação de alguns oficiais que se acham à testa de delegacias paulistas e sondar a opinião pública. Qualquer delegado é uma garantia para as populações das pequenas cidades. Quando se trata de autoridade fardada, o acatamento por parte do povo é o melhor possível.

### INTIMAÇÕES

Dias após as últimas eleições, numa localidade do interior, o tenente delegado foi chamado às pressas, para garantir a vida de civis. Tinha havido eleições municipais e — segundo diziam — o prefeito eleito e correligionários estavam sendo ameaçados de morte. Foi um reboliço na cidade. O tenente imediatamente intimou todos os líderes de situação (fôra eleito o can-

didato opositorista). Interrogatórios, acareações, pesquisas etc. — tudo demonstrou que não passava de boatos. Os responsáveis pelos rumores foram descobertos no mesmo dia. Algumas senhoras haviam tido uma conversa inocente, com ligeiros comentários, que transpiraram e foram interpretados livremente, espalhando-se no mesmo instante entre a população.

Acontece que, em pequenas localidades interioranas, ser intimado para ir à Delegacia é considerado uma desonra e muitos se mostram indignados. Logo depois, o delegado intimou o prefeito eleito e pessoas ligadas a êle, para liquidar de vez a questão e alertar a todos sôbre o perigo dos boatos. E passou a ser mal visto por todos.

Entretanto, a situação não durou mais que um ou dois dias, pois os boatos desapareceram e, quando se falou em remover o tenente, os adversários políticos se uniram para pleitear sua permanência na cidade. Até hoje, o mesmo oficial continua lá, respeitado e admirado por todos. Autoridades e povo sentem-se em segurança.

## A MELHOR ARMA

Evidentemente, uma autoridade civil não teria maiores dificuldades para fazer a mesma coisa. Na região em que se passou o fato narrado, o reporter encontrou delegados de carreira e que gosam do maior prestígio. O serviço prestado por eles é eficiente e concorre de maneira decisiva para a manutenção da ordem.

Isso, porém, não impede que a farda seja uma boa arma. Nos menores aglomerados humanos, vem-se revelando mesmo a melhor arma utilizada em defesa da lei e da ordem. O cabloco é bom. Bom e simples. Respeitador e ordeiro, admira o oficial



Um tenente (ao fundo), em sua Delegacia, presta esclarecimento a outro oficial, que serve em unidade do interior.

que passeia pelos caminhos empoeirados tendo por arma unicamente a farda, que por si só impõe respeito. E o homem simples do povo sente-se protegido.

## PARAÍZO TERRESTRE

Vasta área do oeste bandeirante ainda não foi descoberta por aventureiros. Em inúmeras localidades, o cri-

me é desconhecido. Nelas não se sabe o que significam expressões como furto, roubo e violência. O clima é o melhor do mundo, tanto que nem se nota a inexistência de médicos. A doerça é quase tabu, naquele autêntico paraíso terrestre.

Mas, mesmo no paraíso pode haver acidentes. Há rios em que é possível haver — e há de vez em quando — afogamentos. Com a falta de transporte adequado, caminhões de carga conduzem passageiros, ocasionando acidentes. Nas localidades onde há delegado, tais ocorrências são mais raras que no grande número de cidades que ainda não possuem autoridade policial. Na cidade onde se passou o fato narrado acima o último acidente de trânsito verificou-se antes que fosse designado um tenente para a delegacia local. Convém frisar que, no caso, não se trata de delegado de farda ou civil mas, simplesmente da existência de autoridade local.

## HISTÓRIA ANTIGA

É história antiga o debate sobre a conveniência ou não de haver componente da Fôrça como delegados de polícia. Quanto à legalidade, sempre foi discutida por leigos, mas a verdade é que sempre houve delegados fardados, embora com denominações diversas. Em casos de emergência, mesmo nas cidades mais importantes do Estado, o cargo de delegado foi entregue a oficiais nossos, sempre com bons resultados.

Embora em planos diversos, vemos repetirem-se até hoje as discussões em torno do assunto. E nas localidades onde servem aqueles oficiais, o povo — mas o povo inteiro — insiste em sua permanência.



Direção do major Francisco V. Fonseca

## *DISTRITO FEDERAL* BOMBEIRO NÃO É MILITAR

Assim entende o ministro

**Nelson Hungria**

Uma das teses que maior discussão despertou no seio do I Congresso de Direito Penal Militar há pouco realizado na Capital da República foi a de saber se o policial militar é militar para todos os efeitos, ou não. Sobre esse assunto há controvérsia mesmos nos julgados do Supremo Tribunal Federal, onde o Ministro Nelson Hungria está, neste particular, sempre em desacôrdo com os seus colegas daquele alta Côrte de Justiça. O seu ponto de vista é o de que, em hipótese alguma, se aplica o Código Penal Militar à Polícia Estadual.

Declarou ainda, quando presidia a mesa diretora daquele congresso, que os policiais estaduais são militares, mas militares estaduais, não se confundindo com os militares federais. E acrescentou: «Os homens do Corpo de Bombeiros não são de modo algum, militares. Entretanto, inscontestavelmente, há uma lei ordinária ampliando o fôro da Justiça Militar do Distrito Federal ao nosso Corpo de Bombeiros. Aos soldados do fogo se aplica o Código Penal Comum. Não conheço a deserção, para esses homens mas conheço o abandono de emprêgo; não conheço a insubordinação, mas conheço o desacato» concluiu o jurista. — «Os crimes do policial do Estado têm de ser julgados de modo específico mas dentro do Código Penal Comum, tanto assim que, quando a segunda instância não é a especial, quem conhece do recurso é o Tribunal de Justiça local».

O congressista Benedito Rauem, após ouvir a explanação acima, disse: Hoje, foi aqui citado Esmeraldino Bandeira, em acórdão do Supremo Tribunal, em 1909, e outro, de Pedro Lessa, em que se diz, mais ou menos, o que V. Excia. afirma. O Supremo Tribunal, decidiu então por **Habeas-Corpus**, que foi concedido, a não aplicação da lei penal militar à Polícia Militar de Estado; porque entendia que era inconstitucional essa aplicação do Código Penal da Armada ao policial militar estadual.

O ministro Nelson Hungria, encerrou o seu voto vencido, declarando que está sempre lutando contra as anomalias que estão ocorrendo. Entre elas, cita: subordinar à Justiça Militar o Corpo de Bombeiros.

«Os homens do Corpo de Bombeiros — diz êle — não são militares. De modo algum. Sou voto vencido e não convencido. Entendo que, em hipotese alguma, pode ser aplicada às Polícias estaduais o Código Penal Militar. Aplicável é o Código Penal Comum».

#### SOUBERAM CUMPRIR COM O DEVER EM DEODORO

##### Pronunciamento do gen. Teixeira Lott

Antes do seu ambarque à Itália, o ministro da Guerra, gen. Teixeira Lott, enviou ao seu colega da pasta da Justiça, sr. Cirilo Júnior, um officio em que destaca e agradece a valiosa cooperação dos officiais e praças do Corpo de Bombeiros durante as recentes explosões nos paíóis de Deodoro, «quando se destacaram como verdadeiros profissionais e pela disciplina impecável nos movimentos». Prossequindo em outras considerações entusiásticas, concluiu por externar os seus louvores e agradecimentos e aplausos do Exército, pela primorosa e inestimável atuação que tiveram no estabelecimento, em menos de vinte e quatro horas, da tranquilidade da população daquela região e por solicitar que os mesmos constem das alterações de cada um dos elementos que tomaram parte na ação.

### MINAS GERAIS

#### ANIVERSARIO DA P.M.

Transeirrendo no último dia 10 de outubro o seu 127.º aniversário de criação, a Polícia Militar de Minas Gerais organizou amplo programa comemorativo, no qual foram incluídas solenidades de inauguração de

várias obras, às quais esteve presente o governador Bias Fortes, altas autoridades civis e militares pertencentes às guarnições sediadas em Belo Horizonte. Foi este o programa organizado pelo gabinete do cmt. geral, cel. Manoel de Assumpção e Scusa: dia 10 de outubro, às 9 horas. Igreja São José, missa oficiada pelo capelão major José Augusto Ribeiro Bastos; às 10 horas, Hospital Militar, inauguração de melhoramentos, tais como poço artesiano, grupo diesel e abastecimento de água; às 11 horas, Departamento de Instrução, intalação do Curso de Dactilografia e inauguração da quadra externa de basquetebol e melhoramentos no Departamento Aquático da praça de esportes, salientando-se moderno maquinário de cloração e purificação da água de tôdas as piscinas; às 13 horas, banquete no Clube dos Officiais, oferecido ao governador do Estado. Dia 11 de outubro, às 22 horas, baile «dos Espadins», oferecido à Polícia pela diretoria do Clube dos Officiais.

### PARA

#### ASSINALADO COM BRILHANTIS- MO O «DIA DA P.M.»

Com grande brilhantismo, realizaram-se no quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Estado, no dia 25 de setembro, as solenidades comemorativas do 139.º aniversário de organização da milícia parãense. Estiveram presentes o governador do Estado e outras autoridades civis e militares.

As cerimônias tiveram início às 8 horas, quando o governador passou em revista a tropa perfilada na praça Cel. Fontoura, seguindo-se o

hasteamento da Bandeira, no quartel do Comando Geral unidades e subunidades da milícia.

### Demonstração de ataque e defesa

Como demonstração do preparo físico em que se encontra a tropa, teve lugar interessante exibição de ataque e defesa musicada, por elementos da P. M., atraindo tais movimentos a atenção de numeroso público, que se postou nas proximidades do quartel e aplaudiu os movimentos ritmados dos soldados sob as ordens do cel. Iran Loureiro.



Governador e comandante da P. M., quando do hasteamento da Bandeira, no quartel do Comando Geral

\* \* \*

As solenidades matutinas encerraram com a visita, às 10 horas, ao túmulo do cel. Antônio Sérgio Vieira da Fontoura, no cemitério de Santa Izabel, onde o ten. Sinval Corrêa dos Santos proferiu magní-

fica e comovente oração, em memória do bravo ex-comandante da antiga Brigada Militar do Estado.

Além da cerimônia do arriamento da Bandeira, em todos os quartéis da milícia, teve lugar, às 20 horas, no quartel do Batalhão de Polícia, animada festa dansante para cabos e soldados, terminada às 24 horas.

### Tradição gloriosa

A atual Polícia Militar recebeu histórico e glorioso acervo da extinta Brigada Militar, que participou da chamada Guerra de Canudos.

Entre os oficiais da força estadual, além do bravo cel. Fontoura, ocorre-nos lembrar os nomes do cap. Franco, major Licínio e cap. Silva bem como dos irmãos Amorim, e do cel. Mesquita, nomes que ao lado de outros, se projetaram na gloriosa tradição da Polícia Militar.

## RIO GRANDE DO SUL

### OFICIAIS DA P. M. NA REAL POLÍCIA MILITAR MONTADA DO CANADÁ

Embarcaram para o Rio de Janeiro, no dia 26 de setembro, o 1.º ten. Jesus Linhares Guimarães e o 2.º ten. Pedro Paulo Lemos de Moraes Farrapo, ambos da Brigada Militar que, na capital federal, aguardarão ordem do Itamarati para embarcar com destino ao Canadá onde, no colégio de polícia da Real Polícia Rural Montada, sediado em Regina, efetuarão um curso de dois meses e meio, versando sobre polícia técnica.

Em contato com a reportagem, o cel. Ildfonso Albuquerque, comandante da milícia estadual, disse da sua grande satisfação em ver,

pela primeira vez na história da Brigada Militar e sempre durante sua administração, oficiais gaúchos fazem cursos no estrangeiro, onde têm correspondido sobremodo, obtendo os primeiros lugares e tendo, inclusive, um oficial nosso, 1.º ten. Luiz Alberto Maciel, retornado ao estrangeiro para ministrar aulas aos estudantes latinos que frequentam o curso.

Declarou mais, o cel. Ildefonso Albuquerque, que esta é a quarta turma que estudará em outro país, sendo que as três primeiras fizeram o curso de delegado de polícia militar na «Usacarib School», localizada na zona americana do canal do Panamá.

#### **Prestimosa colaboração**

O comandante da Brigada Militar fez questão de frisar a patriótica atuação do ex-comandante do III Exército, gal. Jaime de Andrade, pois foi por seu intermédio, em virtude das gestões que exerceu junto ao governo canadense, que as matrículas foram conseguidas, salientando, ainda o apoio irrestrito oferecido pelo governador Ildo Meneghetti.

#### **Proveitoso intercâmbio**

Quanto aos benefícios que advirão desta iniciativa, o entrevistado foi categórico: «Este intercâmbio nos será benéfico, pois a Real Polícia Rural Montada do Canadá é a primeira do mundo e os nossos oficiais irão aperfeiçoar seus conhecimentos para vir transmiti-los, posteriormente, aos seus companheiros do Regimento de Polícia Rural Montada, idealizado nos mesmos moldes da canadense. Desta forma, não só se ele-

va o nível da Brigada Militar como, também, dá-lhe maior prejeção no estrangeiro».

#### **Novo curso nos Estado Unidos**

Dois outros oficiais no ano próximo, farão um curso de delegado de polícia militar na «Provost Marshall General School» sediada em Georgia, Estados Unidos, tendo sido escolhidos para o mesmo, o 1.º ten. Clóvis Antônio Soares, primeiro colocado no curso feito no Panamá, e o 1.º ten. Esaú Alvorcem.

Mais uma vez o cel. Ildefonso Albuquerque distinguiu a colaboração do gen. Jaime de Almeida, que interveio decisivamente para a consecução das bolsas.

#### **Grandes iniciativas**

Ao nos referirmos a estas realizações de caráter cultural, não podemos deixar de citar a atuação proveitosa do comando, que não só se interessou no sentido de oficiais fazerem cursos de aperfeiçoamento no estrangeiro como, igualmente, ampliou e atualizou os cursos existentes e criou novos, tais como o de delegado de polícia militar e de psicologia aplicada.

## **SANTA CATARINA**

### **ANIVERSÁRIO DO C.B. DE FLORIANÓPOLIS**

O Corpo de Bombeiros de Florianópolis prestaram à população Militar do Estado, completou no dia 26 de setembro último, 32 anos de fundação.

Nessa sua trajetória, muitos têm sido os serviços que os heróicos homens-do-fogo prestaram à população de Florianópolis e, por vezes.

dos municípios vizinhos, quando chamados para atender a incêndios, muitos dos quais sem grandes e totais prejuízos, graças à ação decidida, corajosa e heróica dos seus soldados que, anônimos, trabalham para o cumprimento fiel de tão difícil missão.

Do programa comemorativo daquela data magna, é de ressaltar a homenagem à memória do inesquecível governador Jorge Lacerda, em cujo Governo o Corpo de Bombeiros conseguiu o moderno e indispensável aparelhamento com que conta. O comandante da Polícia Militar, oficiais e praças do Corpo de Bombeiros, num preito de gratidão, depositaram no túmulo do saudoso governador e benfeitor daquela Corporação, uma corôa de flôres, externando dessa forma, o seu profundo reconhecimento àquêle que foi considerado o «Bombeiro n.º 1».

#### BLUMENAU JÁ TEM BOMBEIROS

Congratularam-se as classes conservadoras com o governo

A propósito da instalação do Corpo de Bombeiros de Blumenau, a Associação Comercial e Industrial daquela próspera comuna catarinense, pelo seu presidente sr. J. H. Zadrozney, dirigiu-se ao governador Herberto Hülse, assim se manifestando:

*“Desde que se iniciou, nesta Associação Comercial, a campanha para a instalação de um Corpo de Bombeiros em Blumenau, ficou evidenciado que era imprescindível a colaboração do governo do Estado para tal desiderato. Sentimos, de pronto, que se ao Município era exequível a aquisição do equipamento e construção do quartel,*

*faltavam-lhe, entretanto recursos técnicos e financeiros para manter uma guarnição realmente eficiente na prevenção e combate ao fogo, com processos modernos.*

*Felizmente, encontramos, da parte do governo do Estado, todo apóio de que necessitávamos. Assim, em memorável reunião realizada em julho do ano p. passado, nesta Associação Comercial, reunidos os representantes do Executivo e Legislativo e a imprensa blumenauense, ouvimos do cel. Mário Fernandes Guedes, DD. comandante da Polícia Militar do Estado, a afirmação de que o governo do Estado assumia o compromisso de ceder uma guarnição, às suas expensas, para o Corpo de Bombeiros de Blumenau, num total de vinte homens, compromisso este posteriormente confirmado por radiograma pelo saudoso governador Jorge Lacerda.*

*Coube a V. Excia. dar forma concreta ao que se comprometera o govêrno Jorge Lacerda. Blumenau já conta hoje com seu Corpo de Bombeiros, provisoriamente instalado quanto ao aquartelamento, é certo, mas pronto para a ação, nas eventualidades. Os bombeiros aqui sediados significam o início do programa de cooperação do govêrno do Estado para a instalação e funcionamento do Corpo de Bombeiros de Blumenau, o que o torna credor da gratidão e dos melhores agradecimentos do povo blumenauense.*

*Estendem-se, nossos agradecimentos, ao cel. Mário Fernandes Guedes, cuja dedicação e interêsse pela causa pública tornaram possíveis a continuação de nossa campanha e os pormenores da instalação do quartel e experimentação do material e equipamento”.*

## Major Olimpio de O. Pimentel

Escreve

**A**tenção! Atenção!... Guerra! Estamos em guerra!...

A «República da Cinta Curta» rompeu relações diplomáticas com o «Império dos Tubarões». O torpedamento da canoa econômica da depauperada «República», em águas da minguada poupança nacional, motivou enérgico protesto. Foi retirada sua apresentação acreditada no truculento «Império». A declaração de guerra ao perverso «tubaronismo» é medida que se impõe; é sem dúvida, o meio único que poderá desafrentar o estômago combalido de toda esta gente esbulhada que não tem mais onde apertar a cinta. Foi mobilizado o arsenal de combate do MAF (Movimento de Arregimentação Feminina) a fim de refrear a cupidez do insidioso «seláquio».

Exortação à massa contra a ganância terrificante dos salteadores da bolsa lisa do povo é feita pela imprensa, estações de rádio e televisão e, ainda mais, desesperadamente, em cada turgúrio onde reside a tristeza e a miséria. O estado de beligerância foi declado. Grande é a movimentação das colunas que se deslocam rapidamente numa perseguição implacável ao cruel adversário que resiste tenazmente entrincheirado aquém sacos de feijão, arroz, batatas e outras que tais. Reina confusão em todos os setores econômicos da espoliada «República»; realizam-se grandes operações estratégicas: O avanço da cavalaria aérea, precedida por patrulhas de cosmes-damiões da Marinha, fazem reconhecimento; cobertura de esquadrilhas terrestres agem heróicamente; canhões, tanques, metralhadoras e outros petrechos bélicos, tudo indica tremenda e decisiva batalha. No aceso da luta, enquanto a refrega se caracteriza por inumanos processos destruidores da raça, atuam, de um lado, os «tubarões» de ventres abaulados, singrando as águas remansosas dos lucros extraordinários e, do outro, o zé-povo, num derradeiro esforço para sobreviver, se contorce de inanição, fazendo mais buracos na cinta. O repto está lançado e a peleja continuará, sem tréguas, contra os desalmados inimigos da prole brasileira. O supremo comando da «República da Cinta Curta» declara feroz ofensiva ao «Império dos Tubarões». Ou estes entram na linha ou serão cauterizados por aquele que manda e não pede.

**HORA H**

— Esta história de tanques, canhões, metralhadoras, bomba atômica e outras chorumelas usadas no extermínio da espécie humana é fruto da imaginação decorrente dos falatórios diários. O espírito nacional



está epreensivo e agitado pela desesperação. A luta pela sobrevivência é realmente dantesca! (Isso é o que atestam os últimos acontecimentos de Maceió, Aracajú, Recife, Fortaleza, Manaus, São Luiz, São Paulo e alhures. Aí temos o índice da insurreição; contudo, a coisa, agora, parece que vai tomar rumo certo. Oxalá. E... já vai tarde!)

O pobre já não tem direito de viver! Dêste jaez são as exclamações que se ouvem diariamente, conturbando o espírito de quem ainda possui fé na ressurreição da ordem e do progresso do país.

\* \* \*

Foi assim conjeturando que me deitei para recuperar as energias gastas durante a jornada e dormi. E... ao despertar, estava, fatigado, o pijama ensopado de suor, efeito de febril transpiração, mas senti-me aliviado do horrível pesadelo. Cáspite!...

## CURIOSIDADES MÉDICAS

Na Suécia, dos 90.000 leitos de hospitais que existem, 42% são ocupados por doentes mentais.

—:—

Desde a descoberta do A.C.T.H. já foram vendidos 42 milhões de doses.

O Dr. Nguyn Luong, médico chefe da delegação do Viet-Nam, declarou na IX.º Assembléia Mundial de Saúde que seu país contém 40 hospitais e 300 médicos para uma população de 9 milhões de habitantes, quer dizer, um médico para 30.000 habitantes.

**APRENDA INGLÊS EM UM ANO!**  
**(BASIC ENGLISH)**

**ESCOLA "GENERAL RONDON"**

onde V. também poderá fazer curso de

- CHEFIA DE SECÇÃO DO PESSOAL
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- CUSTOS INDUSTRIAIS
- ALEMÃO (PRÁTICO)

Rua Voluntários da Pátria, 2319 - 2.º andar - S. Paulo



# Destques da Fôrça Pública

## A FÔRÇA PÚBLICA MANTEVE A ORDEM

A propósito dos tumultos registrados na capital paulista por ocasião do aumento nas tarifas de transportes coletivos urbanos, ficou esclarecido que não cabe à Fôrça Pública a menor responsabilidade pelas mortes e ferimentos havidos. Conforme já foi divulgado pela imprensa paulistana, nenhuma das vítimas apresentou ferimentos provocados por armas de nossa milícia. Por outro lado, diversos milicianos foram feridos. A despeito de tôdas as dificuldades, os distúrbios foram dominados graças à intervenção da Fôrça.

Havia ordem expressa no sentido de que os componentes da Fôrça não atirassem contra o povo. Os observadores são unânimes em afirmar que, no calor da

agitação, se houvessem atirado, o armamento utilizado pelos nossos homens a-carretaria uma carnificina de grandes proporções, salientando-se que uma única metralhadora causaria várias mortes.

No dia das desordens, medidas de caráter urgente foram tomadas e, instantaneamente, todo o efetivo da corporação na capital foi mobilizado. Enquanto parte da tropa restabelecia a ordem nas ruas, o restante constituiu a reserva, pronta para ser empregada a qualquer momento. A noite, quando os comandantes das unidades sediadas na capital se reuniram no Quartel General, já a situação estava dominada e, no dia seguinte, continuou o policiamento, em caráter estritamente preventivo.

\* \* \*

### VIGILANTE NAS ELEIÇÕES

No pleito de 3 de outubro último, em que se registrou elevado índice de comparecimento às urnas, a polícia paulista esteve, como sempre, vigilante para prevenir qualquer perturbação da ordem. Graças ao progresso democrático do povo e ao concurso das corporações policiais do Estado, tanto as eleições como os trabalhos de apuração se processaram normalmente.

No dia das eleições, toda a Fôrça Pública se manteve de prontidão nos quartéis, para qualquer eventualidade, destacando-se um número suficiente de homens para o policiamento nas diferentes secções eleitorais, em todo o Estado. A seguir, conduzidas as urnas para os locais das apurações, executou-se o serviço de vigilância, de acôrdo com plano

pré-estabelecido. No parque Ibirapuera, onde se realizaram as apurações na capital, 600 milicianos zelaram pelo trabalho das juntas eleitorais, garantindo a ordem até o final da contagem dos votos. Em tôdas as comarcas do interior paulista, os trabalhos se processaram igualmente na maior harmonia, demonstrando o elevado espírito democrático do povo, tranqüilo com a vigilância policial.

### OFICIAIS EM FUNÇÕES DE DELEGADOS

propósito de notícias publicadas pela imprensa paulistana, com relação a oficiais que respondem pelo expediente de delegacias de polícia no interior do Estado, o comandante geral da Fôrça Pública endereçou a um matutino desta capital carta em que pres a esclarecimentos. S. excia. esclarece que "o caso em

foco nada mais significa que cooperação efetiva, em consequência de expressa determinação legal". A respeito da oficialidade, afirmou: "ela está unida por sua cordialidade e animada do mais elevado propósito de servir ao Estado e à sua laboriosa população".

Adiantou ainda a missiva: "poucos foram designados para substituírem delegados de polícia em cidades do interior, durante o presente período eleitoral. Ademais, os indicados foram até previamente consultados a respeito".

## 22 ANOS COMPLETOU O B.G.

Tropa de elite da milícia paulista, o Batalhão de Guardas comemorou seu vigésimo segundo aniversário de fundação, no dia 1.º de setembro último. Na presença de autoridades civis e militares, foram levadas a efeito diversas solenidades.

Criado em 1.º de setembro de 1936, conta com um efetivo superior a 600 homens e é empregado na guarda do palácio do governo, de presídios etc. Já teve dias agitados, notadamente durante os acontecimentos de 1937. Um dos tripulantes do "Jaú", aparelho que fez a travessia do Atlântico numa época em que aquele fato era uma temeridade, pertenceu ao batalhão: foi o cap. João Negro. Os atuais componentes do B.G. são selecionados, para constituir tropa de escol.

## O SETE DE SETEMBRO

Como nos anos anteriores, os milicianos da Força Pública do Estado fizeram parte dos 12.000 homens que desfilarão em homenagem ao dia da Pátria, em 7 de setembro do corrente ano. Nossos cavalarianos, com os animais convenientemente ajazezados, o aspecto imponente das viaturas do Corpo de Bombeiros e os uniformes coloridos do Batalhão de Guardas arrancaram aplausos da multidão. Despertaram também curiosidade popular os cães pastores, o pelotão de motociclistas e o garbo de todos os nossos homens.

Por outro lado, as Forças Armadas Federais deram brilho à solenidade, com veículos motorizados os mais diversos,

canhões modernos e fardo material bélico. Desfilaram também ex-combatentes da FEB e aviões a jato da FAB causaram sensação, com voos razantes sobre o Anhangabaú. Centenas de milhares de pessoas, se acotevelavam para presenciar o imponente desfile, comandado pelo gen. Penha Brasil, comandante da II Divisão de Infantaria, na presença de altas autoridades civis e militares.

## HERÓIS DO FOGO

No dia 26 de outubro último, os bombeiros da vizinha cidade de Santos comemoraram mais um aniversário da criação da 1.ª Cia. Independente de Bombeiros ali sediada. Com a presença de altas autoridades civis e militares, inauguraram a nova torre de exercícios, construída no quartel, e o Posto de Salvamento n.º 6, instalado na praia.

Dois dias depois, nesta capital, realizou-se a solenidade de encerramento do Curso Técnico para Oficiais. Naquele curso, vários oficiais do Corpo e um da Polícia Militar de Santa Catarina receberam instruções que os tornam aptos a enfrentar qualquer situação de incêndio e salvamento aquático ou terrestre.

## 10 ANOS TEM O GRÊMIO DOS FUTUROS OFICIAIS

O Grêmio XV de Dezembro, da Escola de Oficiais da Força Pública realizou diversas solenidades, com que comemorou a passagem do 10.º aniversário de sua fundação, transcorrido a 21 de outubro findo. Houve diversos atos cívicos, culturais e esportivos, durante os dias que constituíram a já tradicional "Semana do Grêmio".

A entidade representativa dos alunos oficiais, fundada em 1948, foi posteriormente oficializada, quando da promulgação do Regulamento do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, estabelecimento em que funciona a Escola. Ao lado das atividades esportivas e recreativas do grêmio, é ele responsável por numerosas realizações de caráter cultural. Assim é que mantém uma boa biblioteca para consulta dos alunos, uma discoteca com todos os gêneros de músicas, e uma revista anual, além de um pequeno jornal, editado algumas vezes por ano.

# O BRASIL EM DOIS MESES

Dolorosos acontecimentos registrados em São Paulo, com o aumento das tarifas nos transportes coletivos urbanos, encerraram estes dois meses. Não menos agitado foi o bimestre nos outros Estados da Federação. Primeiro a campanha eleitoral e, depois, o descontentamento oriundo de uma série de dificuldades de ordem econômica, ocasionaram vários incidentes desagradáveis em todo o país. Frequentemente a polícia foi o-

brigada a agir e a "marcha do café" provocou até intervenção do Exército. Nossa política do café deu margem a prolongados debates, no decorrer de setembro e princípios de outubro, e a desvalorização constante da moeda, levou o governo federal a estudar um plano de revalorização. Fato não menos importante, embora de natureza diversa, foi a visita que fez a nosso país o presidente italiano Giovanni Gronchi.



## DISTÚRBIOS POPULARES

A capital paulistana foi seriamente abalada com os distúrbios ocorridos em fins de outubro. Mortos e feridos causaram consternação geral. Entretanto, ficou esclarecido que a polícia agiu dentro de suas possibilidades e não pode ser responsabilizada pelos incidentes, conforme noticiamos em outro local deste número de MILITIA.

## ELEIÇÕES NOMAIS

Salvo pequenos incidentes, as eleições de 3 de outubro transcorreram normalmente em todo o país. Para isso, já em princípios de setembro, o T.S.E. baixou instruções complementares, referentes à propaganda partidária e à campanha eleitoral e, durante o pleito e a apuração, as polícias de todos os Estados mantiveram severa vigilância. Tricas e futricas caracterizaram a campanha até o dia das eleições, mas sem necessidade de intervenção policial.

## A CRISE CAFEIRA

Agitação mais séria houve em virtude da crise cafeeira. A baixa do café serviu de pretexto para que produtores organizassem a "marcha do café", sustada.

graças à intervenção do Exército. No dia 14 de outubro, o ministro da Guerra, gen. Henrique Teixeira Lott, declarou: "O Exército evitará qualquer movimento que possa culminar na perturbação da ordem ou na desmoralização das instituições". No dia seguinte, o Banco do Brasil propôs inutilmente medidas que visavam solucionar a crise. Em virtude da insistência de cafeicultores, tropas da 5.ª Região Militar deslocaram-se para garantir a ordem em várias cidades paranaenses. O mesmo fato verificou-se em localidades paulistas e numerosos caminhões foram impedidos de levar avante a marcha programada. Assim, cessou, logo no início, o movimento tentado.

Ao mesmo tempo, vários aspectos interligados e relacionados com o problema do nosso café foram estudados por autoridades e cafeicultores. O presidente da República reafirmou a disposição do governo de solucionar a crise e as classes produtoras de São Paulo redigiram manifesto em que preconizam uma série de medidas. Demitindo-se a diretoria do Instituto Brasileiro do Café, o sr. Renato Costa Lima assumiu a presidência daquele órgão e prometeu "dinamizar o comércio e dar velocidade à exportação".

O novo presidente do I.B.C. esteve em Washington, de onde regressou demonstrando otimismo. Os cafeicultores também mostram esperanças, desde que 15 países latino-americanos assinaram acordo cafeeiro, com limitação das exportações para os últimos meses deste ano e para o ano de 1959. Com a cooperação de países africanos, espera-se cooperação a longo prazo.

#### REFORMA CAMBIAL

Para fazer face à crescente elevação do custo de vida, o governo federal adotou uma série de medidas que visam dar nova orientação ao nosso sistema cambial. As portarias 166 e 167 baixadas pela SUMOC com esse fim, mereceram aplausos da indústria paulista. Isso no dia 8 de outubro. No dia 24, o presidente da República enviou ao Congresso programa de estabilização monetária.

#### GRONCHI NO BRASIL

No dia 4 de setembro último, o Rio de Janeiro recebeu festivamente o presidente da República italiana, Giovanni Gronchi que, ao desembarcar no cais da Bandeira, dirigiu uma saudação ao povo brasileiro, afirmando: "Estou certo de que minha estada contribuirá para tornar ainda mais estreitos os vínculos de fraternidade entre o povo brasileiro e o italiano". O presidente Juscelino Kubitschek, por sua vez, declarou à imprensa: "A visita do presidente Gronchi constitui mais um passo para a projeção de nosso país ao cenário internacional".

No dia 5 de setembro, vários acordos foram firmados no Itamarati, pelos ministros Negrão de Lima, do Brasil, e Giuseppe Medici, da Itália. No mesmo dia, o sr. Giuseppe Medici, ministro do Orçamento da Itália, fez visita de cortesia ao ministro Lucas Lopes, ocasião em que foram discutidos assuntos do interesse dos dois países.

Da capital da República, o presidente italiano e comitiva dirigiram-se a Brasília, de onde rumaram para São Paulo. Aqui, em baixo de chuva, foram recebidos entusiasticamente. O dia de sua chegada foi feriado local e, no dia seguinte, 10 de setembro, os presidentes dos dois países assinaram nesta capital a chamada "Declaração de São Paulo", que preconiza cooperação efetiva entre todas as nações. Depois, o visitante embarcou para o Rio Grande do Sul, onde visitou Porto Alegre e Caixias, regressando, em seguida, à Itália.

A doença e a morte de Pio XII, bem como a eleição de seu sucessor no trono pontifício, o papa João XXIII, desviaram a atenção do mundo das divergências entre oriente e ocidente no panorama político internacional, até o momento em que encerramos os trabalhos desta edição. Entretanto, a ameaça de guerra ainda não está de todo afastada, na região de Formosa. Os bombardeios das ilhas Quemoi se sucederam, com uma interrupção de duas semanas; surgiram advertências de parte a parte, houve conversações sino-norte-americanas e acusações mútuas. Simultaneamente, os chanceleres das 21 repúblicas americanas, reunidos em Washington, decidiram a formação de uma comissão de representantes das 21 nações para seu desenvolvimento econômico.



### "HABEMUS PAPAM"

Depois de três dias consecutivos, a fumaça preta do Vaticano foi substituída pela branca, anunciando que o conclave de cardeais escolhera novo papa. E o tradicional "Habemus Papam" ecoou pelo mundo. O cardeal primaz de Veneza

mava que "não permaneceria inativo". Dias depois, a União Soviética reafirmava sua disposição de intervir no conflito, se os ianques corresse em auxílio de Chiang-Kai-Cheque.

Representantes chineses e norte-americanos encontraram-se em Varsóvia, onde se manifestaram esperanças de paz. Entretanto, foi anunciado o envio de mais tropas norte-americanas para o extremo oriente, com equipamento moderno, inclusive rampas de lançamento de foguetes teleguiados. Eisenhower reiterou o propósito dos Estados Unidos de não retirar suas forças de Formosa e o governo da China nacionalista repudiou a proposta de Dulles de cessar fogo. A seguir, a questão chinesa foi colocada na ordem do dia da ONU.

Depois, interromperam-se as hostilidades por duas semanas. Após a trégua, os chineses continentais voltaram a bombardear intensamente as ilhas Quemoi.

### NO ORIENTE MÉDIO

Nasser mantém-se firme como líder do mundo árabe. Nos primeiros dias de setembro, exigiu, não só a libertação da Argélia, mas a retirada imediata das tropas estrangeiras do Líbano e da Jordânia. Ao mesmo tempo, enfrentou Burguiba. Acusou seu adversário mulçumano de traidor e foi por ele acusado de instrumento do comunismo.

---

# O BIMESTRE NO MUNDO

---

— Angelo Giuseppe Roncalli — substituiria Pio XII, com o nome de João XXIII. Nos três dias que duraram os trabalhos, foram necessárias mais de dez votações.

### QUESTÃO DE FORMOSA

Entretanto, chineses continentais e de Formosa continuam a brigar. Enquanto os contendores se matavam no início de setembro último, soviéticos e norte-americanos se acusavam mutuamente. No dia 1.º daquele mês, o governo dos Estados Unidos dizia observar a situação e afir-

## A CRISE ARGELINA

Enquanto o gen. De Gaulle se empenhava em sua campanha em favor da nova Constituição francesa, os argelinos constituíram, no Cairo um governo provisório, cujo primeiro ato foi declarar guerra à França. Em 19 de setembro, a F.L.N. proclamou o novo governo, chefiado por Ferhat Abdas, e expediu um comunicado em que afirma: "Os massacres cometidos pelo exército francês não intimidaram o povo argelino". O fato provocou descontentamento por parte dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental e, como é óbvio, da França.

O governo francês, advertiu a ONU de que não admite discussão sobre a questão argelina naquele organismo internacional. No dia 2 de outubro, De Gaulle conseguiu obter o "sim" de grande maioria dos 46 milhões de eleitores que decidiram sobre a Constituição, mas o descontentamento geral perdura.

## A CONQUISTA DA LUA

Briga menos trágica (por enquanto) é a que se desenvolve pelo domínio da lua. Estamos ainda na fase teórica. Soviéticos anunciam próximo lançamento de foguete ao satélite natural da terra. Seus rivais norte-americanos tentaram fazê-lo, mas foi inútil.

No entanto, o problema dos foguetes e satélites artificiais está intimamente

relacionado com o do emprêgo da energia atômica. Na conferência de Genebra, os soviéticos propuseram a suspensão das provas atômicas, mas não de concreto se conseguiu até o presente momento.

## QUESTÃO RACIAL

Sérios distúrbios ocorreram recentemente em Londres, em virtude de preconceitos raciais. Prisões, correrias noturnas e pancadaria abalaram a capital britânica. O próprio governo debateu a questão com representantes do Partido Trabalhista.

Mais dramática, porém, é a segregação nos Estados Unidos. Depois de muitas perseguições, a Corte Suprema do país determinou a integração racial em Little Rock. Espera-se reação do governador Faubus.

## OPERAÇÃO PANAMERICANA

Como primeiro fruto da operação pan-americana, reuniram-se em Washington, na segunda quinzena de setembro do corrente ano os chanceleres das 21 repúblicas americanas, onde o representante brasileiro, ministro Negrão de Lima apresentou um programa para o desenvolvimento econômico dos países ali representados. Por fim, deliberaram os chanceleres pedir a formação de uma comissão de delegados das 21 nações, com o fim de debater as questões relacionadas com o assunto.

## CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetinga, 275, 9º. andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

# NOSSOS REPRESENTANTES

## Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

### **BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)**

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

### **CHILE (Cuerpo de Carabineros)**

— Prefectura General (Valparaíso) — Capitán Franklin Troncoso Baclet.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — Capitán Moysés Suty Castro

— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.

### **ACRE (Guarda Territorial)**

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

### **ALAGOAS (Policia Militar)**

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

— Destacamento Policial (São Brás) — Sgt. José Pereira da Silva

### **AMAPA (Guarda Territorial)**

— Sede (Macapá) — Ten. Uadih Charone

### **AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)**

— Major José Silva

### **BAHIA (Policia Militar)**

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz

— 2.º B.C. (Ilhéus) — Cap. Horton Pereira de Olinda

— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz

— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

### **CEARA (Policia Militar)**

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

### **DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)**

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luís Alberto de Sousa

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo

— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis

— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

### **ESPIRITO SANTO (Policia Militar)**

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Nascimento dos Reis

### **GOIAS (Policia Militar)**

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos

— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

### **MARANHAO (Fôrça Policial)**

— Q.G. (São Luís) — Cap. Eurípedes Bernardine Bezerra

### **MATO GROSSO (Policia Militar)**

— Comando Geral e 1.º B.C. (Cuiabá) — Asp. Pernufio da Costa Leite Filho

— 2.º B.C. — (Campo Grande) — Cel. Bevilaqua de Souza Soares

— 2.a Cia. do 2.º B.C. — (Ponta Porã) Sgt. Francisco Romeno

### **MINAS GERAIS (Policia Militar)**

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa

— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira

— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Fellsberto Cassimiro Ribeiro

— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

### **PARA (Policia Militar)**

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva



**PARAIBA (Polícia Militar)**

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luís Ferreira Barros

**PARANA (Polícia Militar)**

— Q.G. — (Curitiba) — Ten. Eosny de Sena Maria Sobrinho

**PIAUI (Polícia Militar)**

— Q.G. (Teresina) — Ten. Elesbão Soares

**RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)**

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

**RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)**

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto

**RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)**

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

**SANTA CATARINA (Polícia Militar)**

— Q.G. (Florianópolis) — Ten. Vilmar Teodoro

— 3.a Cia. Isolada (Canoinhas) — Ten. Edgard Campos Pereira

**SAO PAULO (Força Pública)**

— Q.G. (Capital) — Major Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. — (Capital) — C.A.O. — Ten. Valdomiro de Abreu

— C.C.S. — Cap. Salvador de Cico

— F.M.I. — Sgt. Osvaldo Varela

— B.G. (Capital) —

— Btl. "Tobias de Aguiar" (Capital) — Cap. Ari José Mercadante

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Ten. Luiz Augusto Savioli

— B.R.P. (Capital) Cap. Antonio Silva

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. João de Oliveira Leite

— 3.º B.C. — (Ribeirão Preto) — Ten. Nelson Homem de Melo

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuiuti Vilanova

— 7.º B.C. — (Sorocaba) — Ten. Antônio Carlos Martins Fernandes

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— 3.º B.I. (Capital) Ten. Francisco Rodrigues

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) Ten. Salvador Scafoglio

— S.Subs. (Capital) — Ten. Antonio Meneghetti

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. José Varela

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— C.M. (Capital) — Sgt. José Romeu

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.a Cia. Ind. — (São José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.a Cia. Ind. — (Presidente Prudente) — Cap. Sebastião Lopes

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

**SERGIPE (Polícia Militar)**

— Q.G. (Aracaju) — Cap. Renato de Freitas Brandão

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

# PALAVRAS CRUZADAS

## HORIZONTAIS:

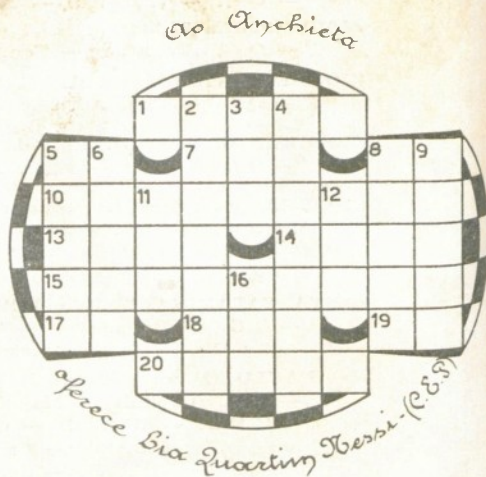
1 — Farrapo, 5 — Sufixo: diminuição, 7 — Pron. pess. da 3.a pessoa, 8 — Abrev.: ibidem, 10 — Disfarçada, 13 — Parte anterior do navio, 14 — Ajudante de tesoureiro, 15 — Tristezas, 17 — (Mit. egip.) O sol, 18 — Aguardente de cereais, 19 — Além, 20 — Ócio.

## VERTICAIS:

2 — Segunda investida do touro, 3 — Fileira, 4 — (Fig.) Suavidade, 5 — Não par, 6 — Chapa redonda de ferro, com que se arredonda o vidro nas fábricas, 8 — Perfeição, 9 — Jangada para atravessar rios, 11 — Retumba, 12 — Grande oasis do Saara, 16 — Greda.

## SOLUÇÃO DO N.º ANTERIOR

**Horizontais:**— Idéia — Arena — Grata — Ala — A.C. — Imolar —



Mandolina — Breara — Ti — Aio — Armas — Adiar — Troar.

**Verticais:**— Ira — Detida — enamorado — Ia — Arcaria — Plantar — Gambá — Ali — Arais — O'aria — Neo — Mar — Ar.

## NOSSA CAPA

Chicago, às margens do lago Michigan, aparece na foto, com suas dezenas de pontes basculantes sobre o rio Chicago. Através dessa via fluvial, em conexão com o rio Mississippi, êsse importante centro pode ser atingido pelos navios médios e pequenos de todo o mundo (Contribuição dos oficiais da Fôrça que estiveram êste ano nos EE.UU.)



# MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais  
militares e culturais em geral

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FORÇA  
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo ..... 34-6488  
          } interno ..... 138

SÃO PAULO, S. P. \_\_\_\_\_ Brasil

ANO XI

Setembro/Outubro

N.º 77

**DIRETOR GERAL:**— ..... — cel. José Anchieta Torres  
**DIRETOR RESPONSÁVEL E SECRETÁRIO:**— ..... — 2.º ten. Wanio José de Mattos  
**TESOUREIRO:**— ..... — major Germano Ribeiro Scartezini

## REDATORES :

— cel. capelão P. A. Carvalheiro Freire  
— major Olímpio de O. Pimentel  
— cap. Plínio D. Monteiro  
— cap. Jorge Mesquita de Oliveira  
— cap. Francisco Antônio Bianco Junior  
— cap. médico Plirts Nebó  
— 2.º ten. dent. Fernando Averbach

## COLABORADORES :

— cap. médico P. dos Santos Abranches  
— al. of. Hélio A. A. Dutra de Azevedo  
— prof. Hans Peter Heilmann  
— prof. Paulo Henrique

## FOTOGRAFIA :

— Gabinete Fotográfico da Força Pública

## ASSINATURAS

Por 6 números ..... Cr\$ 70,00  
Número avulso ..... Cr\$ 15,00

## AOS COLABORADORES E LEITORES

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.

Tôda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sôbre cartolina ou papel branco forte.

- \* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sôbre a sua publicação.
- \* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- Desejamos estabelecer permuta
- Deseamos establecer el cambio
- Desideriamo stabilire cambio
- On désire établir échange
- We wish to establish exchange
- Austausch erwünscht



A criança que se mostra desanimada, sem coragem de estudar as lições e com preguiça até de pensar, tem falta de energia.

Muitas vezes a causa dessa apatia consiste apenas em falta de açúcar no orga-

nismo. Conduzido pela circulação, o açúcar se transforma no combustível por excelência do sistema muscular. Claude Bernard, famoso cientista, chamou o açúcar de "carvão dos músculos".